

Porque é preciso romper as cercas Do MST ao jornalismo de libertação

Elaine Tavares
Miembipe – verão 2007

“Não há nada mais bonito do que ver a terra parir”
Dionísio Tomazzoni, meu avô, vivo em mim

Dedicatória:
Para todos aqueles que acreditam e lutam... sempre!

Aquela que ficou para contar a história

Costumo dizer que o repórter cai de pára-quedas dentro de um elo da história. E convive por algum tempo com os personagens, descrevendo as suas lutas e os seus sonhos. E depois arruma as malas e parte para outros horizontes, em busca de outro acontecimento que vire matéria. Esta rotina profissional irá fazer parte de seu currículo. E as relações com as pessoas durante aquele período da cobertura acabam ali, esta é a regra. Aquelas que sobrevivem são catalogadas como fontes. Ah, quase me esqueci: as intimidades que brotam nas mesas dos bares costumam desaparecer com o efeito da cerveja saideira. Por mais dolorosa que seja a separação, as ligações com os personagens da história não podem ser levadas na bagagem para a próxima jornada. Esta é uma lei do repórter estradeiro que não está escrita. Mas é seguida ao pé da letra, como dizem os antigos.

Elaine Tavares, repórter estradeira, rompeu esta e outras regras que servem de desculpas para que se siga em frente na busca de novos horizontes. Ela resolveu construir o seu próprio horizonte ao transformar-se em personagem de uma história para onde havia sido enviada para fazer um cobertura jornalística, a ocupação da Fazenda Annoni – um naco de terra vermelha à beira da então empoeirada estrada que liga Passo Fundo a Ronda Alta, na parte norte do Rio Grande do Sul. Uma região rica onde a herança deixada pelo latifúndio eram os enclaves de miséria. Ao deixar que as emoções guiassem os textos, Elaine se converteu em uma personagem desse acontecimento. Aqueles que lutaram pela posse da Fazenda Annoni venceram e hoje vivem muito bem, obrigado. A Annoni não existe mais. Mas as razões pelas quais ela se tornou um símbolo na conquista pela terra no país ainda estão bem nítidas: a concentração da riqueza continua parindo acampamentos de sem-terras pelas beiras das estradas.

Ao escrever “Porque é preciso romper as cercas”, Elaine acrescentou um capítulo novo à história da Annoni: os bastidores de uma cobertura jornalística, uma leitura obrigatória para todos aqueles que acreditam na

reportagem. O livro é escrito com o coração, não podia ser diferente. Com destreza, a autora dribla as emoções baratas e joga luz nos acontecimentos que se mesclam à luta da repórter por aquilo que acredita ser o certo. Não é uma tarefa fácil. Ainda mais em uma profissão onde o ego costuma ter uma musculatura robusta. Lembro-me que quando se acabaram os conflitos na Annoni, eu e outros colegas entramos nos carros e fomos embora. Eu rumava à procura dos brasileiros que foram para o Paraguai, os brasiguaios. Lembro-me de ter olhado a Annoni pela última vez pelo retrovisor. Eu não sabia, mas a cobertura ainda não tinha terminado. Havia mais um capítulo a ser escrito, o dos jornalistas que registraram o conflito. Isso torna este livro um documento, uma leitura necessária. Elaine não olhou a Annoni pelo retrovisor do carro. Ela ficou lá.

Carlos Wagner, repórter

Apresentação

A história da luta pela terra no Brasil é antiga. Começou com a invasão, quando os brancos europeus se arvoraram no direito de tomar a terra autóctone, “descobrimo-a”. Com a força dos canhões e da ganância, exterminaram povos inteiros. Não sem resistência. Muitas foram as batalhas e as lutas, mas os arcos e flechas pouco puderam contra os arcabuzes.

Depois da dominação e do massacre, os brancos descobriram que não bastava ter a terra, era preciso cultivá-la, para que gerasse frutos que lhes saciassem a fome. Então importaram mão-de-obra, escravizaram outras nações, as do continente africano. E nunca abriram mão da posse da terra. Quem nela trabalhava, nada ganhava para si. Tudo para os donos, os latifundiários portugueses que, muitas vezes, sequer sabiam da extensão de suas terras. E, entre os escravizados, também houve resistência. Os negros, cientes de que aquilo que era não podia ser verdade, foram criando formas de luta, se organizando, até que garantiram a libertação. Uma liberdade de papel e que ainda hoje luta para se fazer real.

Com o passar dos séculos, muito pouco mudou. Os latifundiários só não são mais portugueses. Têm a cara do Brasil mestiço e muitos até falam inglês. E, como naqueles tempos idos, hoje também há resistência. Quem trabalha na terra e dela tira seus frutos quer a sua posse. Por direito. Terra é para agricultor, para gerar comida e não para especulação. Terra não é mercadoria. É vida. Gaia. Pachamama, mãe. Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nascido na década de 80 do século 20, é ainda hoje - apesar de estar um pouco anestesiado dentro do governo Lula - a voz mais expressiva. Nele, camponeses sem terra se organizam e vão conquistando, na luta renhida, o direito de ter e plantar no chão até então improdutivo.

A história dos agricultores acampados da Fazenda Anonni - no interior do Rio Grande do Sul - pano de fundo para minha reflexão jornalística, é um corte desta resistência, uma pequena fatia da história que vem se repetindo por todo o país, nestes fundões sem lei. Uma visão singular da luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ainda uma das mais importantes forças da sociedade brasileira.

Neste trabalho, junto com a história das gentes da Fazenda Anonni, conto também a trajetória de mim mesma, o encontro com a luta agrária e com um jornalismo que se compromete. A princípio pode parecer pretensioso. Afinal, a quem interessaria saber de meus sentimentos sobre a Reforma Agrária? Mas, como jornalista, parte de uma categoria eternamente enredada nas tramas de uma prática que chamam de “imparcial, neutra e objetiva”, entendi que aqui estava um momento singular. Contar esse encontro seria uma forma única de refletir sobre a paixão, o compromisso e a necessidade de tomar partido diante do outro, oprimido, da comunidade das vítimas, como diz o filósofo Enrique Dussel. Assim, apresento o vislumbre de outro jornalismo, não neutro, não imparcial, mas completamente libertador.

Na trajetória destas memórias vou construindo aquilo que vim a chamar depois de “jornalismo libertador”, uma maneira de fazer jornalismo em que é possível contar o real, sem mentir ou inventar fatos, partindo do princípio de um novo olhar, de um compromisso concreto com os vencidos da história, com as vítimas do sistema tal como ensina a “ética de libertação” proposta por Dussel. Minha caminhada com os sem-terra da Anonni foi esse despertar, a consolidação de uma certeza de que o jornalismo só é possível com paixão, com entrega, com o andar junto ao outro, diferente, mas real.

A partir daí venho conspirando com o jornalismo libertador, este que nasce no *sendero* da Filosofia de Libertação. Uma filosofia que caminha com o outro, distinto, e que vê o mundo com os olhos do amor e da beleza. Jornalismo companheiro, que caminha junto, que come o mesmo pão, que se enlameia no mundo, real. Novo jornalismo, jornalismo novo, compromisso, libertação. Momento de tomar partido e conhecer a beleza. Morangos no abismo, como em Rubem Alves.

Elaine Tavares

Miembipe, março de 2007

“Aqui todo mundo manda, moça.”

O sol de janeiro castigava a terra naqueles dias de 1986. E foi com o sol na cara que divisei, em contraluz, o acampamento. Surgiu de repente, numa curva da velha estrada de chão, que liga Passo Fundo a Ronda Alta. Numa faixa plana, em frente à mata fechada, e se espalhando por dentro dela, pipocavam centenas de barracos feitos de taquara, cobertos com lona preta. Ali viviam mais de seis mil pessoas e o aspecto geral era o de uma imensa cidade, infinitamente pobre, por onde circulavam homens, mulheres, crianças e cachorros.

A visão do acampamento me remeteu de volta à infância. Meu avô, Dionísio, tinha sido um agricultor sem terra própria e eu fora testemunha do seu definhamento depois que, já velho, perdeu a terra que arrendava e morreu de tristeza. O velho italiano, de dois metros de altura e olhos azuis feito água clarinha, sempre fora meu modelo para vida. Nas férias escolares, quando me deixava ficar cuidando da bomba que puxava água para o arroz, ia ensinando sobre as coisas do mundo como se tudo tivesse a forma da terra plantada. Viver era como construir taipas, e tinha que dar muita água para o arroz para que ele brotasse, forte, do chão. Assim também a gente precisava de amor senão, igual ao arroz, não vingava. As lições do vô foram para sempre...

Lembro-me como se fosse hoje que, depois de ter sido expulso da terra pelo dono da fazenda a qual arrendava, o velho Dionísio ficava por horas no jardim da minha mãe, fazendo a terra escorrer por entre seus dedos tortos, com os olhos claros de mar perdidos em saudades. Definiu, morreu de dor, e a minha só amainou muitos anos depois de sua morte, quando finalmente ele foi colocado na terra. Antes, tinha ficado em uma carneira, espécie de tumba de cimento, usada pelos que não tem dinheiro para comprar um pedaço de terra para descansar. Só oito anos depois do enterro indigno o vô foi finalmente levado para sua cidade natal, Antônio Prado, e então meu coração descansou. O gigante italiano enfim encontrava o seu amor: a terra.

E foram estas lembranças que me vieram à cabeça tão logo dobramos a curva da estrada e meus olhos se encheram de barracos de lona. Assim, quando o carro passou pelo portão da entrada, construído com pedaços de madeira crua, e foi cercado por dezenas de crianças maltrapilhas e ranhentas, senti que aquele povo ia tomar meu coração de assalto. Estava certa.

Foi naquele primeiro dia que conheci Darci Maschio. Eu era nova na área e todos me olhavam com desconfiança, afinal, imprensa sempre fora sinal de perigo, mais do lado dos poderosos do que deles. E eu era jornalista da RBS (*Rede Brasil Sul de Comunicação*), empresa pelega por natureza.

Desci do carro bem em frente ao barraco que tinha uma bandeira vermelha tremulando no alto. Era uma espécie de secretaria do acampamento.

- Oi, tudo bem? Será que eu poderia falar com alguém da liderança?
Dentro do barraco, alguns pares de olhos me olharam friamente. O silêncio se fez pesado até que um dos homens, de olhos muito azuis, respondeu:

- Aqui todo mundo manda, moça!

Senti que eles eram como a raposa do Pequeno Príncipe, ariscos, precisando ser cativados. Então decidi quebrar o gelo. Sentei num pedaço de madeira jogado no chão e, com um sorriso, pedi:

- Bom, enquanto vocês se decidem sobre quem fala comigo que tal dividir uma cuia, companheiro?

Rapidinho o chimarrão chegou à minha mão e alguém foi chamar o Darci, que era, na verdade, uma das lideranças do movimento no Rio Grande do Sul. Ele entrou de mansinho no barraco e vinha com a mesma conversa. Ali não tinha liderança, todos mandavam e ele era só mais um. Um aperto firme de mão, um sorriso, várias cucas de chimarrão e o caminho da confiança começou a se fazer.

A cada semana eu estava lá no acampamento. A televisão ficava a 40 minutos de distância e o tema era novidade no Estado. A ocupação da Fazenda Anonni tinha acontecido há pouco mais de dois meses, em outubro de 85. Fora na madrugada do dia 29 daquele meio de primavera que 6.500 colonos decidiram tomar, na marra, aquelas terras. A idéia, na verdade, era criar um foco de tensão que possibilitasse a implementação do Plano Nacional de Reforma Agrária, tão alardeado pelo então presidente José Sarney, e que permanecia no papel. Ocupando a Anonni, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, naquela época já bem estruturado no Estado, pretendia matar dois coelhos com uma só tacada. Agilizava a imissão de posse da área e gerava a discussão sobre a Reforma Agrária.

A história da Fazenda Anonni se arrastava na justiça desde 1972, quando seus nove mil hectares foram desapropriados para o assentamento de famílias desalojadas pela construção de uma barragem em Passo Real. Mas, até então, o governo não tinha conseguido a “imissão de posse”, termo técnico nas questões de terra que significa se apropriar, ao contrário de “emitir”, que significa lançar fora.

Então, no meio da noite daquele outubro, mais de 150 veículos entre caminhões, ônibus e carros saíram de 25 cidades das regiões do Alto Uruguai e das Missões, tomando o rumo da Anonni. Quando o dia 29 amanheceu, a fazenda já estava tomada. Logo, aquela área de terra na região do Planalto ficou sendo o foco das atenções de todo o Estado e a polícia acabou mobilizada, com o próprio Secretário de Agricultura, João Jardim, se deslocando para lá na tentativa de negociar a saída dos camponeses.

A liderança do acampamento estava nas mãos de Darci Maschio, um homem mirrado, de músculos bem desenhados, olhos apertadinhos e sem os dentes da frente. Os cabelos desgrelhados caíam pela face quadrada fazendo com que parecesse espiar o mundo. A conversa do secretário foi com ele e já no primeiro dia foi selado um acordo: os colonos ficavam na área, mas não poderiam arar a terra.

Só que aquela história de não arar já era bem velha. Ali mesmo, na Anonni, viviam, havia 10 anos, famílias de “alagados”, ou seja, remanescentes dos desalojados de Passo Real. Esta gente tinha sido provisoriamente assentada na fazenda e, passados 13 anos, continuavam na área, sem estrutura para plantar e sem possibilidades de vida digna. Eles haviam acatado a tal idéia de não arar, mas os acampados de Anonni não iriam cair no conto do vigário. Assim, no dia 30 de dezembro, dois meses depois do acordo, cansados de esperar por decisão do governo, os camponeses decidiram arar 30 hectares. Não iriam fazer como os afogados, queriam soluções já.

Eu viera trabalhar em Passo Fundo em janeiro de 1986 e tinha pegado o caso andando. Tão logo fiz o primeiro contato, me encantei por aquela gente. A cada semana estava lá, ora fazendo matéria sobre a falta de posto médico, sobre falta de comida, mostrando a situação das crianças, das mulheres, das negociações. Eu era também correspondente do jornal *Zero Hora* e os agricultores podiam ler e ver as reportagens que eu produzia ali. Aos poucos foram confiando, pois percebiam que eu olhava a questão pela ótica deles.

Em pouco tempo eu já fazia parte daquele lugar. Circulava com desenvoltura pelos barracos, fazia amizades com a mulherada, tomava chimarrão e trazia, a pedido, sacos de bolita (bolas de gude) para a gurizada, o que tornava nossa chegada sempre uma festa. Naquela caminhada de conquista daqueles corações desconfiados, fui aprendendo lições inesquecíveis. Ouvia aquela gente falar de suas histórias, de como viviam explorados pelos donos de terras, quase escravos a depender dos armazéns das fazendas sem nunca poder pagar as dívidas, criando um círculo de dependência. Ouvia suas lutas na busca por um pedaço de chão, de sua fé no movimento organizado e ia ficando convencida de que aquilo tudo era válido. Eu, guria da cidade, cabeça urbana, tinha ido conquistar e fora conquistada.

Esmeraldo, um colono atarracado com cara de mexicano, pés descalços, mãos calejadas, rodava o mate e contava porque estava ali na Anonni, se arriscando a ser preso, a morrer até.

- Sempre trabalhei de empregado, nunca tive direito a nada, nem em aposentadoria podia pensar. Fazia o trabalho duro e pra mim só sobravam

migalhas. Quando vinha a colheita, todo o fruto do meu trabalho ia para o patrão. Por quê? Sou eu quem planta, sou eu quem trabalha...

E lembrava de como tinha entrado nesta briga:

- Foi através da igreja, né? A gente ia pros grupos de reflexão. A gente lia então sobre o povo oprimido no Egito e a caminhada que eles fizeram com Moisés em busca da terra prometida. É assim que a gente tá, caminhando em busca da terra que é nossa.

Eu ouvia e aprendia.

“Tâmo mostrando mentira?

Não?

Então é ético e ponto final.”

Foi esta visão meio messiânica que deu aos camponeses o mote para a campanha de conscientização da população gaúcha sobre a importância da Reforma Agrária. Como não havia respostas sobre a desapropriação da fazenda e o tempo passava, eles decidiram partir em caminhada para Porto Alegre, cruzando boa parte do Estado. Seriam 500 quilômetros de estrada e a saída foi marcada para o dia 27 de maio, sete meses depois da ocupação.

Naquele dia, o acampamento fervilhava de gente vinda de toda a região. O começo da caminhada teria uma espécie de ato público e, logo cedo, já se ouviam cantorias e toques de gaita. Naquele lugar, mesmo com a miséria e a dor da espera, pequenas coisas eram motivo de festa. Antes da saída, o padre Arnildo Fritzen fez uma celebração, e todos rezaram pedindo que a caminhada fosse bem-sucedida.

O padre era figura conhecida e muito querida pelos acampados e por todos os que lutavam pela terra. De origem alemã, forte, alto, com grandes óculos de aro preto e um riso sempre pronto a saltar, sua gaita e sua doçura eram presença constante naquela briga. Acompanhava a luta dos Sem-Terra desde 1979 quando, junto com Saul Barbosa, então presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta, abriu caminhos no meio do mato para facilitar o acesso das famílias que ocuparam as fazendas Macali e Brilhante, inaugurando um novo tempo na batalha pela terra no Brasil.

Esteve junto também no acampamento da Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta, no ano de 1980, quando um grupo de famílias ocupou a estrada e resistiu por mais de um ano ao assédio de um forte aparato de repressão militar. Este acampamento, que foi marco na luta dos agricultores Sem-Terra, teve o padre Arnildo como um dos mais freqüentes apoiadores.

Pois foi o gigante alemão quem comandou a saída da caminhada. Bem na frente foi colocada a cruz de Natalino, um enorme crucifixo de madeira com

pedaços de pano preto amarrados. Era a lembrança dos companheiros mortos durante a luta pela terra. Logo atrás vinha o padre, com a gaita pendurada no peito, puxando as canções já conhecidas pelos acampados.

*“A grande esperança o povo conduz
Pedir a Jesus pela oração
Pra guiar o pobre por onde ele trilha
e para a família não faltar o pão.
Que ele não deixe o capitalismo
Levar ao abismo a nossa nação.
A desigualdade que existe é tamanha,
enquanto o rico não sabe o que ganha
o pobre do pobre vive de tostão...”*

No coro, seguiam mais de 400 acampados prontos para a caminhada. Os demais agricultores, que ficariam na fazenda, fizeram uma espécie de corredor por onde foram passando os caminhantes, com suas faixas e canções. Quando o último deles cruzou o portão do acampamento, o corredor se fechou. De novo a cena messiânica. Moisés atravessando o mar vermelho. A pequena coluna seguiu pela estrada empoeirada rumo a Passo Fundo, com a cruz abrindo passagem. Quem ficava acenava com os chapéus de palha, despedindo-se, e algumas mulheres choravam. Na coluna, seguiam maridos e filhos, uma luta sem fim. Ficava difícil conter a emoção, tudo aquilo parecia mágico e ao mesmo tempo doloroso. Mais um sacrifício daqueles homens e mulheres famintos de justiça e terra.

Na volta para a TV eu vinha conversando com o pessoal da equipe, cinegrafista e motorista, contando a história do meu avô e falando da emoção que eu tinha experimentado ao ver aquele povo em luta. O Jorge Luís, cinegrafista que havia feito a matéria no dia em que os colonos ocuparam a Anonni, disse que compreendia porque havia sentido a mesma coisa na madrugada em que viu o povo cortar a cerca e avançar para dentro da fazenda empunhando foices e enxadas.

- Era como se tivessem entrando na terra prometida, sabe aquelas coisas de bíblia?

Esta mesma imagem me veio à cabeça quando acompanhei aquela gente seguindo a pé para Porto Alegre. A cruz, as canções, a fé. Tudo tão recheado de mística e religião, mas ao mesmo tempo tão secular. Eles sabiam que só Deus no céu não iria garantir coisa alguma, por isso iam pela estrada afora gritando:

- Com força, com fé, nós vamos a Porto Alegre a pé - e riam, pisando firme o chão.

Foi então, que no meio da conversa animada entre eu e Jorge Luís, o motorista, Orestes, estudante de Direito e já conhecido por suas opiniões legalistas, disparou:

- Mas jornalista não tem que sentir nada. Jornalista tem é que registrar os fatos, ser imparcial.

Eu ainda não tinha refletido muito sobre isso, tão emocionada estava com a situação toda, mas na hora retruquei.

- Jornalista é gente também Orestes, e gente se compromete, assume posições, toma partido. É o que estamos fazendo.

Depois, à noite, no bar do Osvaldir, eu e o Jorge fomos até a madrugada discutindo se era ético ou não estarmos apoiando de forma aberta a luta dos Sem-Terra. Se era ético usarmos o nosso instrumento de trabalho, a TV, para mostrar aquilo para todo o mundo. Com os olhos esbugalhados, o Jorge apertava a minha mão e repetia:

- Tâmo mentindo por acaso? Tâmo contando e mostrando mentira? Não? Então é ético e ponto final - E foi esta frase quase a noite inteira. Os vizinhos de mesa nos olhavam como se fôssemos loucos, e a gente estava só bebendo suco de laranja.

No dia seguinte O povo sairia a pé Rumo à Cruz Alta.

A caminhada até Porto Alegre durou 26 dias e foi um sucesso. Por onde passavam, os colonos eram notícia. Até o frei Leonardo Boff, teólogo da libertação conhecido no mundo inteiro, acompanhou por um dia a marcha dos Sem-Terra. Em Porto Alegre, na chegada, o prefeito Alceu Collares, do PDT, entregou a chave da cidade. A festa foi boa, mas como nem isso fez acontecer algo de concreto, ficaram lá, acampados por 61 dias.

Neste meio tempo as coisas na TV em Passo Fundo mudavam. O Fonseca, que era o chefe de reportagem, foi transferido para Porto Alegre e no seu lugar assumia Flávio Damiani, um alemão desligado, mas muito gente boa, que, apesar do seu jeito aparentemente avoado, também entendia o jornalismo como um compromisso. O Jorge Luís, companheiro de jornadas, também se foi para Porto Alegre, afinal era um dos melhores cinegrafistas do Estado. O Orestes saiu do cargo de motorista e foi ocupar um cargo na área técnica. Com isso, comecei a trabalhar com uma nova equipe. Assumia o Gilmar Lima como cinegrafista e o Flávio Gonçalves (Kapa) como motorista. Estes dois acabariam sendo os melhores companheiros com quem já trabalhei na vida e estariam comigo nas tantas histórias da Fazenda Anonni, igualmente comprometidos até o pescoço com a luta dos camponeses sem-terra.

Em Porto Alegre os políticos e o governo prometiam coisas aos colonos, mas nada vingava. E eles lá, sem arredar pé. Aproveitavam o tempo para visitar escolas e contar para a criançada como era a vida dos sem-terra nos acampamentos. Mas eis que surge um fato novo: o governo Sarney

desapropriaria 19 mil hectares no Rio Grande do Sul. Setenta por cento das terras ficavam na cidade de Cruz Alta, a pouco mais de 100 quilômetros da Fazenda Anonni. Esse fato iria render!

Àquela altura, os camponeses acampados na Assembléia Legislativa decidiram que era preciso ocupar as terras que o governo tinha desapropriado, caso contrário a coisa iria continuar na mesma lengalenga, já que os proprietários tinham entrado na Justiça. As lideranças chamaram a imprensa e anunciaram que estavam indo embora para Anonni e que lá sorteariam as áreas desapropriadas e mandariam gente para ocupar. Tudo era muito cristalino.

O governador Jair Soares, procurado pelos jornalistas, dizia que ninguém impediria os camponeses de se deslocarem até Cruz Alta e que até poderia garantir a segurança de todos.

- Quanto a ocupar terra, aí já é outra história – ameaçava.

Quando os caminhantes retornaram à fazenda Anonni, no final de setembro, nossa equipe de reportagem estava lá, a postos. Foi mais um rebuliço no acampamento. Naquele mesmo dia houve uma assembléia entre os acampados e foram formados grupos para discutir quais as terras que seriam ocupadas em Cruz Alta. Três dias depois eles já haviam sorteado as áreas e as famílias que iriam para a ocupação. No dia seguinte, o povo sairia, a pé, rumo a Cruz Alta. Com esta informação na mão eu avisei o nosso chefe, o Damiani:

- Olha, o povo vai sair amanhã bem cedo e a gente tem que estar lá.

Ele disse que estava tudo bem, que a gente saísse da TV às sete horas. Eu olhei para o Gilmar e fiz sinal que não. O Damiani era tranqüilão, achava que era só mais um registro, mas a gente sabia que os camponeses não iriam sair de lá numa boa. O clima estava tenso e o governador já havia dito que ocupar terras eles não iriam. O secretário de Segurança dizia nos jornais que havia recebido notícias da existência de grupos armados na Anonni, a velha tática da direita contra os movimentos sociais. Nós também já tínhamos a informação de que a polícia de Passo Fundo estava toda mobilizada. Era a dica de que a Brigada Militar não deixaria os camponeses sair pela estrada afora. Ia ter forrobodó.

**No chão, ficavam pequenos
chinelinhos de borracha,
arreventados na correria.**

Já passava das cinco horas e os dois malucos não chegavam. Eu fervia de raiva. Tinha marcado cinco em ponto e odeio quando alguém me deixa esperando. Os sem-terra iriam sair bem cedo e eu queria estar na fazenda por volta das seis horas. Eram 60 quilômetros até lá e isto a gente cobria em 45 minutos.

As cinco e meia eu bufava feito um bicho raivoso, andando de um lado a outro da pequena quitinete onde morava. Dez para as seis o interfone tocou e já desci xingando. No carro os dois guris preparavam as desculpas. Não dei chance.

- Porra! Vocês sabem como é aquele povo. Eles vão sair de madrugada e a gente vai perder as melhores imagens.

- Calma, Cuca, eu dou um pau e a gente chega a tempo – disparou Kapa. Saiu cantando pneus e só então desenferrusquei a cara, porque nunca dava para ficar mais de dois minutos brava com aqueles dois. O Gilmar, nem aí para meus achaques, tirava um cochilo no banco de trás.

O pequeno Fiat voava pela estrada poeirenta e eu, desta vez, nem reclamei da velocidade. Sentia que algo ia ser perdido se a gente não chegasse no horário que havia planejado. O pessoal tinha marcado a saída para às nove horas e eu queria pegar tudo, desde o despertar do acampamento até a hora de botarem o pé na estrada. O roteiro para Cruz Alta já estava estabelecido. Atravessariam a fazenda no sentido leste-oeste, saindo em Rio Bonito. De lá, seguiriam pela estrada da produção até Carazinho. Pegariam então uma estrada secundária que os levaria até Cruz Alta. No dia anterior, o roteiro tinha sido meticulosamente discutido junto com as táticas que usariam caso a polícia impedisse a saída. Eles levariam oito dias para chegar nas terras desapropriadas. Seguiriam a pé, com alguns caminhões atrás, levando as tralhas domésticas e os animais.

Como o alarido da ocupação tinha sido grande, era certo que teria polícia e peleia. Por isto eu estava tão ansiosa. A gente precisava chegar antes que os camponeses fossem buscar os caminhões, postados na Encruzilhada Natalino, a poucos quilômetros do acampamento. Eram quase sete horas quando chegamos à Anonni, que já estava cercada pela polícia, com um efetivo de quase 600 soldados bem-armados. Segundo o tenente-coronel Stocker, responsável pelo policiamento na região, a autorização para o cerco havia chegado às 22 horas da noite anterior e a palavra de ordem dada aos soldados era: “Ninguém vai passar!”.

Quando já estávamos entrando pelo velho portão de madeira, um menino gritou:

- Já se foram... corre que tem polícia!

O Kapa deu uma viravolta, cantou os pneus do carrinho e lá fomos nós. No banco de trás, o Gilmar, desperto, já armava o equipamento e eu, coisa rara, mandava o Kapa pisar fundo. Não precisou muita correria. Passado pouco mais de um quilômetro estava montado o circo da BM. Uma fileira de soldados trancava a estrada armada com fuzis e baionetas abertas. Eram uns duzentos. Na frente da fileira, uns trezentos camponeses aprontavam a maior gritaria. Queriam passar!

- A estrada é pública – berrava um moleque de camisa amarela, com o símbolo do MST estampado.

O clima era de tensão, os soldados apertavam firmes os fuzis e fincavam os pés no chão, enquanto os colonos partiam para cima tentando furar o cerco. Não havia medo naqueles olhos, só uma fúria sã, um desejo irremovível de passar e pegar os caminhões que os levariam a Cruz Alta. Foi uma fração de segundos, o tempo exato de o Gilmar descer do carro, e, de repente, os camponeses que estavam do lado esquerdo da estrada conseguiram passar. Aquele lado tinha uma lavoura de trigo e não estava guarnecido. A barreira foi furada e começou a correria. Os colonos passavam aos borbotões pela brecha aberta pelos companheiros e subiam um barranco que ladeava a estrada principal. Eram homens, mulheres, crianças, numa debandada louca, acompanhada de gritos de alegria. Num primeiro momento os soldados ficaram como que paralisados, atônitos. Não sabiam como agir, o que fazer. Enquanto isso, o povo aproveitava para subir o barranco que desembocava logo em frente, na estrada.

Mas o pânico dos soldados durou só um segundo. Algum mais graduado gritou alto e eles iniciaram o cerco aos sem-terra. Ficou fácil! Como o grupo todo subiu pelo barranco a fora era só correr pelo lado e fechar a saída a pouco mais de cinco metros, enquanto outra parte dos soldados reforçava a entrada do atalho. Um outro grupo seguiu pelo pasto de trigo fechando os três lados. O quarto lado não precisava ter ninguém. Era um barranco de mais de cinco metros.

Quando o povo furou o cerco, eu, o Kapa e o Gilmar corremos para a saída do barranco, acompanhando a movimentação dos soldados. Chegamos primeiro e ficamos de frente para os milicos, junto com os camponeses. Aí começou a pancadaria. A ordem era bater sem olhar em quem, e não faltou paulada nem para as crianças. Os soldados avançavam, empurrando os agricultores com as baionetas abertas, a ponta reluzindo ao sol. O grupo de uns 300 colonos ficou acuado sem ter para onde correr. Muitos se lançavam contra os soldados na tentativa de escapar do cerco. As crianças berravam histéricas, perdidas de suas mães. No chão, ficavam pequenos chinelinhos de borracha, arrebatados na correria. Um rapaz foi empurrado barranco abaixo e eu gritava apavorada. O Gilmar, impávido, ia filmando tudo e o Kapa, atrás dele, segurando o VT, enchia os olhos de indignação. Uma mulher grávida caiu perto de mim, sufocada pela correria, e um soldado veio com a botina em riste, pronto para lhe chutar a barriga. Mais rápida, ela se virou e ainda acertou nele uma cuspidinha. Uma velhinha gorda, com um enorme chapéu de palha e uma surrada blusa de lã verde lhe cobrindo as carnes, chorava, aos gritos, enquanto eu a abraçava, confortando-a, também perdida e em pânico diante daquela violência toda. Estava perplexa diante do soldado que quase chutara a barriga da mulher grávida. Por todos os lados se ouviam gritos desesperados de crianças. Um garoto mirradinho caiu e foi pisado por um soldado. O padre Guido Leroy, da Igreja Ortodoxa Belga, que estava junto com os camponeses, também

era espancado com chutes e pontapés. Nesta hora, nem o Gilmar agüentou e, tirando o olho do visor da câmara, berrou para o soldado:

- Porra, o cara é padre, meu!!!

Um dos agricultores, Ari de Oliveira, teve as costas furadas por uma baioneta e sangrava. Um garotinho, com cara de índio e olhos arregalados, agarrou a minha mão com tal força que quase poderia quebrá-la. Sabia que eu era da televisão e sentia-se salvo ali, do meu lado. Durante todo o tempo que durou o conflito ele ficou preso na minha mão, com os olhos grandes vidrados, sem dar um grito, sem dar um ai. Do outro lado, o fotógrafo do *Jornal do Comércio*, Antônio Vieira da Rosa, flagrou a cena em que o policial pisava num menino e teve a sua máquina arrancada das mãos por um dos soldados. O filme foi retirado e velado.

A confusão não durou muito. Em pouco tempo os camponeses estavam cercados em cima do barranco. Gente ferida, 50 ao todo, gritos e crianças aterrorizadas. Uma velha magrinha, com os cabelos puxados num rabo-de-cavalo, vestida com uma calça vermelha, levantava os braços, berrando:

- Nós não queremos roubar. Queremos plantar em paz - E passeava em frente à fileira dos soldados perfilados com as baionetas abertas, olhando-os nos olhos. O Gilmar corria de um lado para o outro, registrando tudo. Àquela altura, a imprensa inteira do Rio Grande do Sul já estava ali. O Carlos Wagner, jornalista do *Zero Hora*, que circulava taciturno entre os soldados durante o conflito, veio até mim e disse para eu sumir com a fita, que os policiais poderiam querer tirá-la de nós. Um olhar para o Gilmar bastou para que compreendesse e, imediatamente, ele tirou a fita, deu-a para o Kapa sumir com ela e a trocou por outra. Descemos o barranco, eu gravei um boletim e disse ao Kapa:

- Esconde a fita e te manda pra Passo Fundo agora – Ele não pensou duas vezes e saiu dali. Na estrada que ia para Passo Fundo havia uma barreira de soldados, que era para não deixar passar ninguém considerado suspeito. A nossa sorte é que ela ficava bem longe do local do conflito e eles talvez não estiverem sabendo de nada, porque não pararam o nosso carro. Por precaução o Kapa havia escondido a primeira fita embaixo do tapete, sob o banco, colocando uma fita virgem na caixa jogada em cima do banco de trás. Assim, se pegassem a fita, não perderíamos as imagens. Assim, enquanto o Kapa se aventurava na estrada, eu e o Gilmar continuávamos acompanhando o cerco. Lá na barreira os soldados pararam o carro e o revistaram, mas com sua estratégia de esconder a fita, o Kapa passou incólume.

**Estão atacando – gritei.
E saí correndo!**

Os camponeses ficaram sobre o barranco por mais de uma hora, e neste meio tempo foram chegando mais soldados. Vinham como quem vem para a guerra, armados até os dentes, com baionetas descobertas e gás

lacrimogêneo. Fecharam de novo a estrada e foram empurrando as pessoas, levando-as de volta para o acampamento. O povo voltou fazendo gritaria, berrando: “Reforma Agrária”. E os soldados, dando espetáculo, empurravam os acampados numa formação estilo cunha. Davam passos lentos e compassados, o passo de ganso, numa cadência militar. Depois, paravam e gritavam alto: “Uh!” Apesar de muita gente ferida e de crianças com os olhos cheios de medo, não dava para evitar a gozação.

- Parece um bando de patos – gritou um colono velho, com os dentes à mostra. Foi a dica para uma risalhada geral.

Os agricultores foram voltando devagar, sem pressa, como quem passeia. Em frente ao acampamento, quase cinco mil pessoas esperavam, os olhos enormes, calados. E os soldados avançando feito patos. As crianças pegaram ramos verdes e tomaram a dianteira, acenando, pedindo paz. Os homens, na retaguarda, diziam que dentro do acampamento ninguém entrava. De novo, o clima ficou tenso. Um silêncio perigoso pairava no ar enquanto as crianças, inocentes, acenavam sorridentes acreditando que ninguém seria louco de passar por cima delas. Os soldados, indiferentes, continuavam avançando. Só quando estavam próximos ao portão do acampamento pararam.

O padre Sérgio Goren, junto com mais algumas lideranças, foi negociar. Um tenentinho novo, de óculos *rayban*, tomava ares de grande comandante, num teatro ridículo, gritando para que os soldados não abrissem a cunha. Depois, decidiu conversar e fechou um acordo: o povo entrava pacificamente para o acampamento e ele tirava os soldados. Trato feito, os ânimos se acalmaram. Os soldados saíram para a barreira a um quilômetro e os agricultores entraram.

Os jornalistas, de quase todos os veículos de comunicação, se aglomeraram num barranco bem em frente ao acampamento, onde dava para acompanhar toda a movimentação, tanto dos soldados como dos camponeses. O tempo era de trégua e o pessoal da imprensa decidiu ir até um bolicho na Encruzilhada Natalino que ficava a poucos quilômetros dali, para comer alguma coisa. Todos estavam famintos. Eram nove e meia quando a gente chegou e já abocanhávamos pedaços de pão com salame quando o dono do bolicho gritou lá de dentro da casa:

- Olha o rolo dos colonos!

Corremos para frente da televisão e lá estava a nossa matéria em edição extraordinária. As imagens enchiam a tela, a violência explícita, nua. Todos ficaram em silêncio assistindo, como se não tivéssemos visto aquilo tudo com nossos próprios olhos. O sangue, os gritos, tudo outra vez. O velho Kapa tinha passado a barreira e, chegando em Passo Fundo, fizera pressão para que a matéria saísse. O Damiani tinha sido rápido na edição e, duas horas depois do conflito, toda a região norte do Rio Grande já sabia do fato.

Ao meio-dia a matéria saiu em nível estadual, na *Rede Regional de Notícias* e Marli Castro, uma das lideranças da Anonni, que estava em Porto Alegre para negociar a saída dos colonos rumo a Cruz Alta, reagiu indignada:

- O governo trocou carne por carne – denunciava.

É que o governo, um dia antes do cerco à Fazenda Anonni, havia retirado de lá o gado, que ainda estava nos pastos. Marli denunciava que isto tinha sido um acordo com os fazendeiros.

- Tiram o gado, mas reprimem os colonos com violência e sangue – insistia.

A tarde ficou reservada para conversas com o comandante da Polícia Militar, na tentativa de acabar com o cerco ao acampamento. O responsável pelo policiamento na área, tenente-coronel Stocker, divulgava para a imprensa que os camponeses tinham armas no acampamento e que uma terrorista estrangeira estaria escondida lá. Era a deixa para que a polícia tivesse um motivo para invadir a cidade de Iona, quebrando a resistência da colonada. Anonni estava cercada pela polícia e mais de seis mil pessoas estavam presas. Ninguém podia entrar ou sair.

As lideranças se reuniram e foram pedir aos jornalistas que ficassem no acampamento aquela noite. Eu não pensei duas vezes. Pedi ao Kapa que levasse a matéria para o *RBS Notícias* e voltasse logo com comida. Nós íamos ficar. Como havíamos decidido passar a noite ali, os demais jornalistas optaram por dormir em Sarandi, a 40 quilômetros. Se houvesse qualquer coisa teríamos o registro da TV eu repassaria as informações a todos. Preocupado, o Gilmar cochichou no meu ouvido:

- Cuca, se der algum rolo não vamos poder fazer nada. Não temos luz à bateria...- Naqueles dias da década de 1980 a tecnologia, pelo menos no interior do Estado, ainda era sofrível. Mas eu rebati, ligeira, no mesmo tom.

- Fica quieto. Os milicos não sabem disto – O importante era que eles soubessem que a gente estava ali.

De qualquer modo, ficou acertado que, se tivéssemos problemas, o Kapa daria um jeito de usar a luz do carro para o Gilmar filmar. Eu nem me preocupei porque aqueles dois eram “porrada” e sempre encontravam soluções criativas para nossas deficiências tecnológicas.

Quando a noite veio, o pessoal foi se recolhendo. As lonas dos barracos ficaram abertas e muita gente estava vigiando. O clima era pesado. A fumaça, saindo dos fogões à lenha, dava um ar de calma, mas persistia uma inquietude que quase se podia tocar. O Kapa e o Gilmar decidiram dormir dentro do carro. O Gilmar agarrado na câmera, pronto para sair filmando ao primeiro grito. Fazia frio, os dois se enrolaram no meu pala e ficaram ali, encolhidos e alertas. Eu fui dormir no barraco do Darci Zatti. Numa cama dura, feita pelo próprio Darci, um homem moço, alegre, cheio

de esperanças de conseguir terra e plantar. Tomamos chimarrão até altas horas, enquanto tudo permanecia muito quieto lá fora. De vez em quando é que se ouviam os latidos dos cachorros magros que vagueavam pelo acampamento.

Na cama eu me revirava revendo a cena daquela manhã. A velha gritando, a mulher grávida, o garotinho com cara de índio agarrado na minha mão. Tantos olhos arregalados, tantos gritos. Não conseguia dormir. Algumas pulgas também contribuíam para que eu me revirasse sem parar. Quando amanheceu eu ainda estava acordada, as imagens dançando em minha cabeça. Foi então que ouvi o barulho. Era um matraquear forte, surdo, como tiros de metralhadora. Dei um pulo da cama, os olhos saltando das órbitas.

- Estão atacando – gritei, e saí correndo do barraco em busca dos guris.

O Darci também pulara da cama na divisão ao lado e quase trombamos na entrada do barraco. Saímos assustados e dei de cara com o Gilmar e o Kapa, já fora do carro, procurando o barulho com os olhos. Dos outros barracos também saíam pessoas, todas apavoradas, sem nada ver, só aquele barulho ensurdecedor. Tudo isso durou poucos minutos. O pânico era geral até que alguém gritou no meio do dia que amanhecia:

- É um avião!

Por detrás dos eucaliptos eis que surgia um helicóptero da Brigada Militar fazendo um vôo rasante pelo acampamento. Não cuspiam balas. Na cara de todo mundo o alívio era visível. No estado de tensão que os acampados estavam, o matraquear do helicóptero parecia tiro e logo se pensou num massacre. Mas qual, havia sido só um pesadelo. O “avião” passou baixinho e se foi, deixando todos com o pescoço virado, olhos no céu e cara de alívio. Um guri gritou alto:

- Olha, parece um jundiá – e todos caíram na risada. A partir daquele dia, durante os 34 dias que durou o cerco à Fazenda Anonni, o helicóptero acompanhou as ações da colonada e ganhou o apelido de “jundiazinho”.

- De que jornal tu és, tchê?

- De Minas.

Depois do susto, o pessoal decidiu agir. A cidade acordada já planejava novas ações. Numa idéia que voou de boca em boca, resolveram trancar a estrada, pois os carros da Brigada passavam por ali a toda a hora levantando um poeirão. Depois de algumas confabulações, decidiram que trancariam só uma parte da estrada do Pontão. Eram 150 pessoas ao todo. As crianças seguiam acenando com ramos verdes e os homens, de mãos calejadas, seguravam com força suas enxadas. Uma mulher, com uma sombrinha tão velha quanto ela, de um preto desbotado, suave ao sol,

impenetrável, como se em toda a sua vida estivesse ali, de pé, fincada no chão da estrada.

Na barreira, cerca de 300 pessoas que vinham trazer solidariedade aos acampados foram impedidas de passar. Até os ônibus de linha que passavam pela estrada vindos de Ronda Alta ou de Passo Fundo foram barrados e revistados. Com a estrada trancada parcialmente, os soldados se agitaram. Tinham medo e passavam para lá e para cá fazendo uma poeira dos diabos. O helicóptero voava baixo, também levantando nuvens de pó. E os colonos nem se mexiam, deixavam-se ficar ao sol.

De repente, mais de 40 soldados a cavalo investiram sobre os sem-terra. Não houve qualquer hesitação. Os agricultores se deitaram no chão, prontos para qualquer coisa. Os cavalos avançavam, a respiração das gentes ofegava, e só quando os animais estavam quase em cima do povo o oficial mandou parar. Os colonos agüentaram firmes o jogo de forças. Ninguém se mexeu.

Passados alguns minutos apareceu uma camionete cheia de soldados com granadas de mão e bombas de gás. Parou em frente ao povo deitado e dela desceu o tenentinho falastrão, José Leandro de Andrade. Com as mãos na cintura, em frente ao povaréu, ele começou a gritar:

- Vocês têm que sair da estrada – Parecia histérico. Depois, tentou articular um encontro com os colonos e o comandante-geral da Brigada, que estava na fazenda.

- Só se for lá na barreira – rebateram os camponeses. Vendo que nada podia com aquela gente, o tenente pareceu enlouquecer e principiou a dar discurso em frente aos colonos deitados no chão. A cena era grotesca.

- Nós vamos tirar vocês daqui de qualquer jeito – berrava, enquanto os soldados sob suas ordens se preparavam com as granadas. Foi só com a interferência da advogada Sueli Belatto e do presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Agostinho Veit, que o tenente se acalmou. Mais tarde, Sueli e Agostinho foram negociar com o comandante regional da Brigada, Jarbas Quadros, e ele permitiu que os colonos ficassem na estrada, desde que não a trancassem totalmente.

Passada a confusão de um quase conflito, os jornalistas descansavam no barranquinho na frente da entrada do acampamento. Tinha ali gente de todo o país, eram mais de 60. Lá pelo meio da tarde começaram a surgir figuras misteriosas entre os colegas da imprensa. Homens com máquinas fotográficas em punho, fotografando colonos e jornalistas. Aquilo causou um certo desconforto, mas logo depois virou piada e, quando algum dos “fotógrafos” apontava a máquina, o pessoal fazia careta ou pose. Intrigado com a fisionomia de um “cinegrafista”, que circulava de calça tergal, sapato bico fino e uma maleta de executivo, Carlos Wagner, do *Zero Hora*, o abordou.

- De que jornal tu és, tchê?

- De Minas – respondeu o cara, e foi saindo rapidinho. O pessoal caiu na gargalhada. Os agentes federais eram tão discretos quanto um elefante numa planície deserta.

No dia seguinte chegou na fazenda uma comissão de deputados estaduais. Tinham vindo ver de perto o que estava acontecendo. Tão logo eles chegaram, os sem-terra já armaram um palco para as manifestações e mostravam os feridos, contando em detalhes o confronto com a polícia. Na estrada, outro grupo fazia protesto com faixas e cartazes que diziam: “Estas são nossas armas, senhor Brossard”. Nas mãos, mostravam enxadas e foices. Respondiam assim à polícia, que dizia terem os colonos um arsenal escondido dentro do acampamento. Os deputados acabaram fazendo discursos confusos e sem qualquer consistência, mas saíram de lá levando um documento no qual os acampados exigiam comida, remédios e o fim da prisão a que estavam submetidos.

Antes da saída dos homens da Assembléia Legislativa, num ato solene, os agricultores pregaram, bem na entrada do acampamento, uma placa de madeira rabiscada com grandes letras vermelhas: “Presídio Jair – Brossard”. Estavam presos e colocavam ali o nome de seus algozes: o governador do Estado e o ministro da Justiça.

**Foi um mal estar na tropa toda
porque ninguém esperava
por aquela manifestação de
carinho e perdão.**

Já tinham se passado três dias desde que estávamos ali. O corpo picando por falta de banho e excesso de pulgas. Lá de Passo Fundo o Damiani insistia que devíamos voltar, que não ia rolar mais nada. Fizemos uma “assembléia”, eu, o Gilmar e o Kapa, e decidimos que íamos dormir em Passo Fundo, mas que voltaríamos todas as manhãs. E assim foi. Os colonos não se conformavam com a prisão imposta pelos soldados e por isso começaram um jogo de paciência para ver quem desistia primeiro. Eles é que não seriam.

Todo o santo dia faziam caminhadas até a barreira de policiais que estava a um quilômetro do acampamento. Pegavam a cruz de Natalino, uma imensa cruz de madeira com panos pretos amarrados significando os companheiros caídos na luta, e lá iam eles fazer discursos em frente aos soldados armados. No primeiro dia da romaria, que duraria mais de um mês, fizeram uma celebração em repúdio à violência sofrida pelos 300 companheiros que furaram o cerco naquela manhã de setembro. Empunhando enxadas, foices e pedaços de pau, mais de mil pessoas marcharam atrás da grande cruz.

Naquela altura estava no acampamento uma cineasta, a Tetê Moraes, que viera fazer um filme sobre os acampados. Tetê e sua equipe passaram a ser o terror dos jornalistas em Anonni. Com uma kombi velha e uma enorme câmera de cinema em cima, ela comandava o espetáculo. Estava sempre à frente dos colonos e tirava toda e qualquer possibilidade de os fotógrafos e cinegrafistas fazerem fotos ou imagens sem que sua equipe aparecesse em primeiro plano. Baixinha e gritona, muitas vezes ela pedia para os camponeses fazerem determinadas poses para as filmagens, e eles obedeciam satisfeitos, afinal aquilo era arte.

Outra personagem que marcou aquele período foi o tenente-coronel Stocker. Olhos azuis cortantes e frios, cara quadrada e riso cínico, ele se tomou de ódio por alguns jornalistas, entre eles eu e o Wagner. Este, conhecido por estar sempre onde aconteciam conflitos de terra, e eu por ser da região e estar também sempre metida onde não era chamada. Passeando em frente ao acampamento, no barranquinho onde ficavam os jornalistas, ele vez ou outra fazia ameaças veladas, no melhor estilo do poder militar. Andava de um lado a outro, com um relhinho, batendo nas botas de um preto reluzente, rindo um riso torto, feito um soldado nazista dos filmes de Hollywood. Era muito irritante. Certo dia, perguntou ao Wagner sobre o hotel onde ele estava hospedado em Passo Fundo, insinuando que saberia onde encontrá-lo quando quisesse. O Wagner só ria. O Gilmar também teve a sua cota de terrorismo. No dia do confronto com os soldados, o Stocker dizia que tinha fotos “que comprovavam” que um repórter-cinegrafista é quem tinha incitado os colonos a furar a barreira. Ora, o único que estava ali, naquele dia, era o Gilmar. O fato é que o Gilmar não se deixou intimidar e as tais fotos nunca apareceram.

Numa das caminhadas dos colonos até a barreira, fomos vítimas, o Wagner e eu, de uma das brincadeiras de mau gosto dele. Íamos bem à frente da manifestação para não atrapalhar os fotógrafos, e o Stocker apareceu com o helicóptero sobrevoando a área. Já estávamos quase próximos da barreira. Lá de cima ele nos viu e foi um prato cheio. Fez o piloto pairar sobre nossas cabeças provocando enormes rolos de poeira. Apesar de quase afogados no pó, podíamos ver seu riso satisfeito.

- Seu filho da puta – berrou o Wagner, enquanto eu levantei a mão no gesto típico de “vai tomar no cu”.

Naquele dia os colonos traziam uma surpresa para os soldados. Na frente da caminhada iam as crianças do acampamento. Cada uma delas com uma flor na mão, dessas colhidas no campo, de todas as cores. O povo chegou e fez a celebração. Rezaram, cantaram e depois as crianças foram distribuir as flores para cada um dos soldados que estavam na barreira. Difícil descrever o olhar amoroso de cada um daqueles meninos e meninas que pareciam compreender serem aqueles homens nada mais do que “cabras mandados”. Os homens da Brigada, armados de fuzis com as baionetas caladas, olhavam fixo o chão. Tinham medo de se deixar traír

pela emoção do momento. Sem graça, alguns deles pegavam as flores e não sabiam o que fazer com elas. Uns sorriam para as crianças e outros se recusavam a aceitar o presente, olhar vítreo, fugidio. Foi um mal-estar na tropa toda porque ninguém esperava por aquela manifestação de carinho e perdão. No alto-falante, um dos acampados lembrava que os soldados também eram gente explorada, manipulada, sofredora, por isso mereciam perdão. Afastado da cena, o tenente-coronel Stocker apertava os olhinhos azuis e se remoia de raiva. Aquilo certamente abalaria o moral da tropa. É difícil escapar de um gesto de amor.

“Aquele que manda matar também deve morrer...”

As caminhadas até a barreira aconteciam todos os dias. Nas duas primeiras semanas, quando eles se preparavam para sair, a gente já suspirava.

- Lá vamos nós de novo – E seguia a romaria de colonos e jornalistas cumprindo a mesma rotina. Celebrações, cantorias e discursos para os soldados que, pelo seu lado, também já estavam cansados daquela lengalenga.

Um dia, os sem-terra inventaram uma novidade. Tinham confeccionado, dentro do acampamento, dois bonecos. Um representava o governador Jair Soares e o outro, o ministro da Justiça, Paulo Brossard. Arranjaram até gravata e paletó para colocar nos bruxos de pano. Aquele dia não seria só de cantorias. Eles iriam carregar os bonecos até a barreira e queimá-los. Prenúncio de que as táticas começariam a mudar.

E assim foi. Na saída do acampamento ainda fizeram teatro, com crianças colocadas sob os pés dos dois governantes, demonstrando como era feita a opressão. Na realidade, a colonada já estava letrada. Sabia que para se manter em evidência na imprensa tinha que criar fato novo. E estes teatros eram sempre bem-vindos para os fotógrafos e cinegrafistas, já sem qualquer opção de imagem. Outros que se deliciavam eram a Tetê e sua equipe, que seguiam acompanhando as façanhas dos acampados e sendo protagonistas de outras tantas.

Quando o povo começava a romaria, apesar de já estarem repetitivas, o momento assumia um caráter meio místico. Não dava para fugir daquele encanto. Nós, jornalistas, que íamos lado a lado, caminhando, podíamos notar com mais presteza aquelas aparências cansadas, mas ao mesmo tempo tão resolutas. Os colonos faziam as caminhadas como se daquilo dependessem suas vidas e, no final, era um pouco isso mesmo.

Naquele dia o ritual era outro, mais alegre. Os bonecos iam bem na frente com dois cartazes pendurados no pescoço, identificando cada um. Eram dois inimigos públicos sendo levados para o local da sentença. Estavam

condenados a morrer no fogo, um ato para ver se purificavam suas almas. Os romeiros cantavam uma música de luta e de acerto de contas:

*“O risco que corre o pau, corre o machado,
Não há o que temer.
Aquele que manda matar também,
Deve morrer...”*

Na frente da barreira armaram uma fogueira com restos de papelão e madeirinha seca. Depois, fincaram dois paus bem dentro da fogueira e ali amarraram os bonecos. Num segundo tocaram fogo e os bonecos foram queimando devagarzinho. Enquanto queimavam, a gritaria era grande. Ecoava pelos campos o berro forte tantas vezes repetido:

- Reforma Agrária, esta luta é nossa.
- MST, agora é pra valer – Alguém então abriu a gaita e a colonada começou a cantar o hino da classe roceira. Era festa!

Foi só quando dos dois bonecos não restava mais nada além de cinzas que o povo parou de cantar. Aí, de novo, um colono puxou o grito de “Reforma Agrária” e eles foram retornando para o acampamento. Já estavam fartos de ficar presos. Queriam liberdade e terra para plantar. Do meu lado, o Egon lembrou do padre Arnildo que, àquela altura, estava numa cama de hospital. A saúde do alemão não agüentara a caminhada até Porto Alegre e ele teve que dar uma parada forçada. Mas, mesmo no hospital, o padre achava tempo para dar entrevistas e ressaltar que a prisão dos acampados era ilegal e que a Reforma Agrária só iria sair do papel pela força dos agricultores. E foi em homenagem ao padre Arnildo que o coro daquela caminhada de volta puxou a canção mais cantada na romaria para a capital.

*“Bendita e louvada seja esta santa romaria.
Bendito o povo que marcha, bendito o povo que marcha
Tendo Cristo como guia.
Mãos erguidas, voz unida
Nosso povo cantará
Nos caminhos do sertão
Lutando por terra e pão
Lutando por terra e pão
Ninguém mais nos calará.”*

**Os colonos se levantaram assustados
porque F-100 era carro
de latifundiário.**

Num fim de tarde chuvoso os colonos esperavam quietos dentro dos barracos. Naquele dia não tinham feito caminhada até a barreira, era tempo de descanso, de ferver novas idéias. No acampamento o clima era de

tranqüilidade. Os cachorros dormiam nas portas dos barracos de lona e algumas crianças jogavam bolita na lama. Das chaminés improvisadas saía fumaça mostrando que a janta estava sendo preparada.

No barraco onde ficavam os homens que iam decidir as ações do próximo dia, o povo chimirreava em paz, discutindo a situação. Tinha gente em Porto Alegre tentando negociar com o Incra e o governo do Estado para acabar de vez com o cerco policial. Ninguém esperava por aquilo que começava a acontecer.

Eis que no lusco-fusco do fim da tarde, em meio à chuva grossa, surge uma camioneta tipo F-1000 e estaciona bem em frente ao barraco do Jovino, que ficava próximo ao palco. Os colonos levantaram assustados porque, afinal, F-1000 era carro de latifundiário.

- Como a segurança deixou passar isso? – resmungavam irados, mas esperaram para ver quem ia descer dali. Surpresa total! Não eram latifundiários. As portas se abriram e, do carro, desceram duas figuras vestidas de branco, o branco mais puro que já se viu. Eram Mary Terezinha, a cantora de música regionalista – que tinha sido companheira de Teixeira - e seu indefectível marido, o astrólogo Ivan Trilha. Ninguém acreditou! Mas eram eles, sim, vinham trazer o apoio à luta dos colonos e ajudar nas negociações.

Em menos de um minuto a notícia se espalhou. Mary Terezinha no acampamento era um fato digno do maior rebuliço. Quem ali não gostava da gaiteira bonita que tocava com o Teixeira? Naquela noite, apesar da chuva forte que caía, a romaria ao barraco do Jovino foi grande. Todos queriam ver e falar com Mary Terezinha que, “mui faceira”, distribuía fotografias autografadas. O marido astrólogo conversava com as lideranças e previa: “Isto tudo vai acabar bem”. Foi, sem dúvida, a noite mais divertida daquele cerco de 34 dias.

Mas o dia seguinte reservaria mais surpresas. Logo que amanheceu, mesmo com a chuva, a colonada começou a se preparar para mais uma romaria até a barreira dos soldados. Só que, por orientação do astrólogo visitante, decidiram fazer a caminhada em direção à barreira que ficava no rumo de Passo Fundo e não no de Ronda Alta, como tinha sido até então. A chuva descia forte, mas nada tirou o ânimo dos acampados que, desta vez, teriam Mary Terezinha e Ivan Trilha como uma força a mais. Os dois haviam garantido que iriam negociar com os soldados.

O Ivan, com ares de comandante, dava as ordens. Logo, foi conseguida uma carreta puxada por dois enormes bois. Era nela que o astrólogo iria, liderando a romaria. Àquelas alturas, o povaréu já não estava mais levando a sério o marido da estrela. Os sem-terra estavam levando tudo na farra e as risadas ecoavam faceiras pela planície enlameada.

Tudo pronto, a romaria partiu. Era lindo de ver. O astrólogo, bem na frente, todo de branco, com o pescoço cheio de colares coloridos, comandava a carroça com os bois e, atrás, seguiam os acampados numa procissão de guarda-chuvas, os pés enterrados no barro vermelho. Carregavam faixas pedindo Reforma Agrária e cantavam. Os brigadianos, quando viram a cena, não acreditaram.

- O que é aquilo, meu Jesus?! – murmurou um dos soldados, sem entender o que estava acontecendo.

Próximo à barreira, a procissão parou. O astrólogo, decidido a acabar com o cerco naquele momento, se pôs a dar discurso para os soldados. Naquela hora, colonos e soldados acabaram rindo juntos. Para o Gilmar aquilo era filé mignon, as imagens eram fantásticas. Os policiais sob a chuva, a água pingando dos capacetes, os cassetetes firmes na mão e sorriso na cara. Do outro lado, os colonos, um sem-fim de guarda-chuvas e o rosto sorrindo também. No meio deles, o homem, imaculadamente vestido de branco, pedindo paz em cima de uma velha carreta de boi. A chuva tornava a manhã cinzenta deixando o cenário digno de um filme de arte.

O astrólogo ainda falou um bocado tentando convencer a soldadesca a ir embora, até que os colonos decidiram voltar para os barracos. A ação do dia estava feita. Aquilo ia ser um prato cheio para a imprensa. E foi só quando começaram o caminho de volta pela estrada barrenta que se deram conta. Mary Terezinha não tinha ido.

- Que safadinha – praguejou um, enquanto os outros caíam na risada. Tinha sido um dia único!

**Naquela hora não éramos
mais só jornalistas.
Éramos gente
dentro de uma história
de gente.**

Dentro do acampamento fervilhavam as reuniões de lideranças. Tramavam alguma forma de sair dali e ir até Cruz Alta, onde havia terra de sobra para ocupar e plantar. Apesar de terem colocado na entrada do acampamento a placa com o nome “Presídio Jair-Brossard”, ninguém ali estava a fim de ficar preso por muito tempo e as caminhadas até a barreira já tinham surtido seu efeito.

Numa certa noite os colonos esboçaram o seguinte plano: se as estradas estavam bloqueadas pelos soldados, o campo certamente não estaria. Sendo assim, era por ali que eles escapariam. Chovia há dias na região e isto poderia facilitar a empreitada. Então foi formado um grupo com 150 pessoas. Todos deveriam sair do acampamento pela parte de trás, que dava para o mato, um a um, numa espécie de operação-formiguinha.

Depois, juntos, pegariam a estrada em Sarandi e iriam em caminhada até Cruz Alta.

Na verdade todos sabiam que esta era só mais uma forma de chamar a atenção das autoridades para o absurdo do cárcere a que estavam sendo submetidos quase seis mil agricultores, gente que não havia cometido crime algum. E era também uma forma de desmoralizar as tropas do tenente-coronel Stocker que faziam a vigilância do acampamento e haviam provocado aquele conflito do dia 29 de setembro. Os colonos queriam mostrar que ninguém os seguraria se eles estivessem decididos a fazer qualquer coisa. Era mais um jogo de força.

O plano deu certo. Pelas veredas do campo, silenciosamente, foram sumindo pequenos grupos durante a madrugada. Quando o dia amanheceu as 150 pessoas tinham saído de dentro do acampamento e caminhavam pelas ruas de Sarandi. Formaram uma fila indiana e foram andando pelo acostamento da estrada rumo a Palmeira das Missões. Cantavam canções de luta, sorriam e carregavam faixas. A primeira delas dizia que iam para Cruz Alta a pé. Quando o “jundiazinho” passou por cima de suas cabeças a gritaria foi grande. Tinha gente que se jogava no chão de tanto rir. Agora a soldadesca viria feito gafanhotos sobre eles. O helicóptero passou uma única vez pela coluna de pessoas que caminhava e foi logo contar a novidade. Os sem-terra festejavam. Tinham conseguido! Estavam fora do acampamento e desmoralizaram os policiais.

A maioria do pessoal da imprensa dormira em Sarandi e logo de manhãzinha já acompanhava a caminhada dos “fugitivos”. A nossa equipe, que ficara em Passo Fundo, tinha que se deslocar de lá e por isso precisava enfrentar um inferno de estrada de chão. Como a chuva caía sem parar havia dias, era considerado quase um milagre o que o Kapa fazia com o Fiat Panorama da TV. A estrada de terra vermelha era um verdadeiro sabão e a gente precisava fazer 60 quilômetros até chegar ao acampamento e mais 40 até Sarandi. Era um suplício, principalmente para mim, que morria de medo de que aquele carrinho virasse e acabasse de vez com a nossa raça.

Nos primeiros dias do cerco, os policiais mandavam a gente parar na barreira para revistar o carro. Queriam ver se não levávamos ou trazíamos algum tipo de ajuda aos colonos. Mas, naqueles dias de chuva, não havia jeito de parar na barreira. Como ali era um ponto de circulação intensa dos carros da Brigada Militar, o local estava quase intransitável. Era penoso passar naquele trecho. Grandes sulcos se formavam na terra barrenta e o fiatzinho só não atolava por milagre e porque o Kapa era “braço” mesmo. Quando passávamos por ali, o carro rabeirava, virava, gemia, roncava e lentamente cruzava o lamaçal. No dia da fuga dos colonos, a gente decidiu passar pelo acampamento, antes de seguir para Sarandi, para ver como estavam as coisas. Passamos a primeira barreira naquele sofrimento.

- Se mandarem a gente parar, não pára. A gente nunca mais sai daqui – rosnei para o Kapa. Ele assentiu, mas passamos sem problemas, os guardas não se atreveram a mandar parar.

No acampamento o clima era de festa, mas tinha um porém. As pessoas que saíram de madrugada pelo campo afora não tinham levado nada a não ser a roupa do corpo. Era preciso fazer chegar até eles alguns cobertores para que passassem a noite sem problemas. Fazia frio por causa da chuva e o povo iria congelar sem os cobertores. Eu conversava com algumas pessoas na entrada de um barraco quando o Kapa me chamou.

- Cuca, eles pediram se a gente pode levar alguns cobertores. O que tu achas? – perguntou, me olhando com uma cara ansiosa, querendo que eu dissesse sim. Fiquei na pausa. Se os soldados mandassem a gente parar na outra barreira e nos vissem com cobertores para a colonada, a gente podia até ser preso. Sendo presos, perderíamos o emprego, os três. Quem era eu, afinal? Uma jornalista que deveria se preocupar só com o registro imparcial dos fatos ou que fazia alguma coisa para criar fato também, me metendo numa história que não era minha? Se eu enchesse o carro de cobertores, estaria me comprometendo com aquela luta. Mas será que não era uma história minha também? Minha cabeça girava com todas aquelas perguntas. O Kapa continuava me olhando e eu olhando para ele, pensando sem parar. O Gilmar, mais pragmático, já ia arrumando o carro para dar lugar aos cobertores, sem nem se importar com a luta que eu travava comigo mesma. Eu seguia quieta.

- Quem cala consente – disse o Kapa, todo sorrisos – Tragam os cobertores!

Pensei que eram só alguns, mas o povo veio com dezenas deles para a beirada do carro. O Gilmar ajeitou uns dez no banco de trás e mais um tanto no chão. No banco da frente iam outros dez cobertores abertos como se fossem uma capa do banco. No do motorista também ajeitaram alguns. Dentro da mala da câmara, outros. Tinha cobertor por toda parte. Fazia frio, mas eu suava em bicas. Seria impossível os brigadianos não enxergarem aquele monte de cobertor espalhado pelo carro inteiro. Além dos que iam sobre os bancos e no chão, no porta-malas estavam enormes sacos plásticos, também cheios de cobertor. Nunca vi tantos na minha vida. Depois de tudo arrumado, o Kapa mandou que umas quatro pessoas entrassem no carro. A idéia dele era que a respiração deixaria os vidros embaçados e os soldados não conseguiriam ver o interior do carro.

Tudo pronto, entramos. O Gilmar deitou no banco de trás sobre o monte de cobertores e ficou com a câmara na mão, como se estivesse cochilando abraçado a ela. Eu inclinei o meu banco, também repleto de cobertores, e fingi dormir. Era assim que deveríamos passar a barreira, como se estivéssemos vindo de Passo Fundo, tranqüilos, dormindo, enquanto o Kapa enfrentava a estrada.

Foram só cinco minutos de chão barrento até a barreira. A terra vermelha parecia um sabão e o carro dançava. Quando vi os policiais, comecei a tremer. Estava em jogo ali a nossa vida. Se fôssemos pegos estávamos “fritos”. Perdíamos o emprego sem dó nem piedade porque, afinal, a *RBS* já não via com bons olhos aquele cuidado todo com as matérias dos sem-terra. O Kapa suave tanto que a água escorria pela careca. Ninguém dizia um ai. Cada vez mais perto dos soldados e nós em pânico. Se eles mandassem parar, o carro atolava, se atolasse, descobriam os cobertores. Em cima da barreira o Kapa acelerou. O carro dançou e foi avançando na lama solta, devagar, tão devagar que parecia nem se mexer. Um policial fez sinal com a mão para que seguíssimos em frente, o carro quase atolando. O motor roncava de forma esquisita. Pela janela embaçada eu quase vislumbrava a cara dos soldados. Uns já se preparavam para vir empurrar o carro, que quase se deixava vencer pela lama. Foram segundos eternos. O carro passou. Foi indo, indo e a barreira se afastando. Andamos uns dois quilômetros quietos, mudos, gelados. Aí, o Kapa parou e a gente começou a gritar e a se abraçar. Tínhamos passado e estávamos dentro daquela história até o pescoço. Naquela hora não éramos só jornalistas. Éramos apenas gente numa história de gente.

**A arma empunhada sem tremer
e, no rosto, uma lágrima
corria de mansinho.**

Quando alcançamos os colonos, eles já estavam instalados num salão paroquial, na localidade de Barra Funda, em Sarandi. Tinham andado 32 quilômetros. Entramos com a camioneta numa rua lateral e fomos chamar alguns deles para descarregar os cobertores. Tudo na maior discrição. Pouco a pouco os cobertores foram saindo de dentro do carro. Eram tantos que eu nem acreditava que tudo tivesse dado certo. Já estava quase terminando de descarregar quando vi o fotógrafo do jornal *Correio do Povo* caminhar ligeirinho rumo ao local onde estavam os acampados. Gelei e chamei o Kapa. E se ele tivesse tirado uma foto daquela cena? Dois colonos mais o Kapa e o Gilmar tirando cobertores de dentro do carro da *RBS*. Como eram empresas concorrentes, aquilo era um achado e eu já imaginei a capa do *Correio* no dia seguinte: CARRO DA RBS SERVE AOS COLONOS.

- Dêem um jeito de saber se o Roberto tirou esta foto ou não – incumbi os guris. E lá foram eles atrás do fotógrafo tentando sondar. Jogaram sinuca, tomaram pinga no bar e nada. O Roberto não dava mostras de saber de algo, senão teria feito alguma piada. Mesmo assim ficamos apreensivos. Naquele dia trabalhamos nervosos. Acompanhamos a caminhada dos colonos, que retornaram para a estrada rumo à Palmeira das Missões. Lá de cima, o “jundiázinho” seguia junto, e os colonos fazendo festa.

Mas a festa não durou muito. Logo, no meio da tarde, a estrada foi bloqueada por um pelotão de 200 soldados. Os brios dos policiais tinham sido feridos com aquela fuga e muitos deles estavam furiosos. Daquele ponto os camponeses não iriam passar, diziam os fuzis com baionetas abertas, apontados sem dó. Os sem-terra decidiram então sentar no meio da pista e ficar ali cantando e gritando palavras de ordem. Afinal, ninguém tinha pressa. O clima começou a pesar. Por detrás da fileira de soldados eu acompanhava a situação em silêncio e ia ouvindo os comentários de um e outro brigadiano. Um gordinho, de cara vermelha, dizia ao companheiro do lado.

- Quero pegar aquele gringo ali. É muito saidinho. Tá precisando de umas bordoadas.

- E eu queria pegar aquela baixinha da TV, guria metida! – disse o outro, bufando. Atrás dele, eu tossi. Ele se virou e ficou vermelho feito um pimentão. Saí rindo e fui até onde estavam os colonos. Cheguei no gringo em que o policial queria bater e avisei.

- Fica ligado que tem brigadiano querendo te pegar.

Depois fui até onde estavam os fotógrafos e contei o papo dos brigadianos que queriam “cair batendo”. O Nenê, do *Zero Hora*, e o Jurandir, do *JB*, foram até a fileira e começaram a fotografar os soldados fazendo piadas. Os caras ferviam de raiva e eu tive certeza de que se desse confusão a gente ia apanhar um bocado. Passou mais de uma hora e os colonos continuavam sentados no asfalto. Voltar, não voltavam. Queriam passar! Começou a cair uma chuva fininha, molhando todos. No final da tarde chegou mais um camburão da polícia. Os soldados tinham medo de que aquele povo furasse outra vez o bloqueio como no dia 28, deixando todos numa posição ridícula. Agora eram mais de 400 homens, armados até os dentes. Logo, começaram a acostrar os colonos para um canto da estrada, alegando que precisavam desobstruir o tráfego. Os sem-terra ficaram ali, no acostamento, como se fossem bandidos perigosos, com os soldados apontando firmes as armas para as cabeças de cada um.

Uma das mulheres que estava no grupo começou a passar mal. A garota, magrinha como um palito, chapéu de palha e uma blusa branca de lã já puída pelo tempo, começou a tremer. Tremia de um jeito que se balançava toda, parecia em surto. Os braços abraçavam as pernas e o corpo ficava sacudindo num tremor que não parava. Eu andava de um lado para o outro, desesperada. Estava na cara que a guria estava passando mal, mas parecia que ninguém ligava. Os outros jornalistas também começaram a ficar nervosos e a gente se olhava meio impotentes. Sem agüentar mais, cheguei num soldado e disse:

- Pô, levem esta guria pra um hospital. Ela tá mal, não tá vendo? – Ele me fitou com os olhos vazios e não respondeu. Eu comecei a chorar. Foi então que olhei para o soldado que apontava a arma para a cabeça da guria que tremia. Ele tinha uma carinha tão jovem, não passava dos vinte anos. Tinha os pés firmes fincados no asfalto, a arma empunhada sem tremer, mas, no

rosto, corria uma lágrima mansinha. Os olhos estavam fixos na garota. Num segundo ele me olhou e eu franzi a cara num gesto de impotência. Tinha vontade de gritar, quebrando aquele silêncio desesperante. Foi só quando a gurria despencou o corpo no chão feito uma boneca de pano que o comandante da operação mandou retirá-la dali. Um dos policiais levantou o corpo magrinho e o levou para o camburão. Foi a deixa para carregarem também o resto do grupo. Os soldados estavam em maioria e foram jogando os colonos dentro dos camburões. iam levar de volta para o presídio em que haviam transformado a Fazenda Anonni. Os sem-terra perdiam mais uma batalha.

Fomos até Passo Fundo levar a notícia e eu matutando. Aqueles colonos dentro dos camburões, será que iam mesmo para Anonni? Achei que tínhamos errado, deveríamos ter acompanhado o grupo. Na redação, enquanto o Damiani e o Gilmar montavam a matéria, eu remoía coisas. Chamei o Kapa e avisei.

- Nós vamos voltar e ver se aquele povo chegou mesmo, hein Kapa? – O velho cúmplice assentiu. Toca a carregar de novo o carro e, no início da noite, já estávamos enfrentando outra a vez a estrada barrenta até a Anonni. Faltavam uns cinco quilômetros para chegar ao acampamento quando avistamos dois homens arrastando um grande saco de plástico. Com os pés enterrados no barro, caminhavam com dificuldades. Paramos o carro.

- Ô companheiro, para onde vão? – indagou Kapa. Só então conseguimos ver o rosto dos homens. Eram colonos que estavam a caminho de Palmeira das Missões. Disseram que os camburões haviam deixado todos ali com o argumento de que os caminhões não passariam no lamaçal.

- Tem mais gente por lá?

- Tá todo mundo lá esperando o amanhecer para se pôr a caminho.

Fizemos a volta e fomos até onde estavam os outros. Jogados no meio da estrada estavam 150 pessoas, enroladas nos cobertores. Denunciavam que tinham sido maltratados e mostravam as marcas dos chutes e pontapés. Como a gente não tinha luz à bateria para filmar, decidimos dormir ali, com eles. Esperaríamos o dia clarear para mostrar a colonada voltando para o acampamento. O Gilmar garantia que, ao amanhecer, as imagens ficariam “fantásticas”. Na verdade, o garoto que eu tantas vezes chamara de insensível estava era morrendo de medo de que a tropa aprontasse alguma para aquele povo na estrada. Fiquei enternecida. Meu amigo cinegrafista se deixava tomar de amores por aquela luta também.

Quando o dia amanheceu acompanhamos os camponeses de volta ao acampamento numa sofrida caminhada e, com uma bela filmagem na mão, retornamos a Passo Fundo no meio da manhã. A primeira coisa que fizemos foi correr a uma banca de revistas e comprar o *Correio do Povo*. Ainda temíamos que o Roberto tivesse tirado fotos do malfadado descarregamento de cobertores. Qual nada! Rimos e respiramos aliviados. Estávamos prontos para outra.

Estavam alucinados e só queriam saber de prender alguém

Enquanto os colonos seguiam presos dentro da Anonni, o cerco começava a se fechar em volta de mim também. Como as matérias feitas no acampamento emplacavam no jornal estadual todos os dias, a outra repórter que trabalhava comigo na TV Umbu passou a reivindicar o direito de ir fazer matéria no acampamento também. O Damiani entendeu que era justo e me tirou de lá. Mandou que eu fizesse as matérias do dia-a-dia em Passo Fundo e a Nadja Hartmann foi para a fazenda.

Naquele dia, os colonos tinham decidido que já que não podiam ir para Cruz Alta ocupar as terras de lá, iriam ocupar as terras da própria Fazenda Anonni. Esta fazenda tinha mais de nove mil hectares e as seis mil pessoas estavam confinadas ao acampamento, sem poder plantar no restante da terra. Assim, os sem-terra se dividiram em dois grupos e foram para pontos distintos da fazenda. A idéia era acampar e logo começar a rasgar a terra com um arado. Um grupo foi com o Alceu Campigotto e, no outro, iam as lideranças mais expressivas da Anonni: Marli Castro e Jovino Rodrigues. O Gilmar, que já estava familiarizado com tudo na Anonni, insistiu com a Nadja para que seguissem junto com o grupo onde estavam Marli e Jovino. Sabia que onde eles estivessem seria mais “quente”. Mas a Nadja resolveu não dar ouvidos ao cinegrafista e decidiu seguir com o grupo do Alceu.

O que se deu é que a polícia não perdeu tempo e foi atrás do grupo da Marli, causando a maior confusão no meio da mata, com tiros e prisões. Só o Jurandir, do *JB*, é quem tinha seguido com aquele grupo e contou depois que as cenas eram dignas de um faroeste americano. Mais tarde ele ganhou o Prêmio Wladimir Herzog de Direitos Humanos com as fotos daquele dia. O grupo já tinha chegado ao ponto escolhido e havia montado o acampamento com o pessoal, ajeitando as coisas para o almoço. A polícia atacou com a cavalaria, no melhor estilo ianque. Chegaram derrubando tudo, metendo os cavalos para cima das barracas, virando as panelas. Estavam alucinados e só queriam saber de prender alguém. Já estavam fartos de passarem por incompetentes. A violência foi tanta que – contou Jurandir – até ele ficou alguns minutos petrificado antes de começar a clicar. Naquele dia, os soldados levaram presos Marli e Jovino.

No grupo em que ia a equipe da *RBS* não houve nenhum incidente. A Nadja fez a reportagem e voltou para Passo Fundo e foi só lá que souberam que as duas lideranças tinham sido presas. O Damiani mandou a turma de volta para Sarandi. O Gilmar e o Kapa decidiram passar lá em casa e me levar também. Eu estava de folga, mas eles sabiam que eu gostaria de estar no local. Fui.

Quando chegamos na delegacia em Sarandi, estacionou também o carro com Marli e Jovino. Eles tinham ficado ali dentro do camburão por mais de quatro horas. Na delegacia só estavam o carro da TV e os dois colonos. Quando eles foram levados para dentro da cadeia o Gilmar pediu para entrar e fazer imagens. Fui junto e perguntei aos dois se já haviam entrado em contato com algum advogado. O Marli disse que não e pediu para eu ligar para a Comissão Pastoral da Terra em Passo Fundo e pedir para que alguém tomasse alguma providência.

- Não vamos falar nada sem a presença de um advogado – insistia Marli, ciente de seus direitos. Então, enquanto a Nadja comandava a reportagem, lá fui eu de novo meter a colher na história. Pedi ao delegado para usar o telefone da sala dele. Ele me olhou com uma cara cínica e gorda e perguntou:

- Tu és do movimento? – Ele bem sabia que eu era repórter da TV. Sustentei o olhar e respondi tranqüila.

- Não, sou jornalista. Por quê?

- Nada, não! – resmungou. Passei a mão no telefone e liguei para a CPT contando tudo e pedindo um advogado. O delegado ficou o tempo todo espiando na porta. Não liguei. Eu acreditava naquela luta e tudo faria para que as coisas corressem bem. Dane-se a imparcialidade.

Depois de tudo encaminhado voltamos para a fazenda, onde os acampados tinham decidido fazer uma grande manifestação em repúdio à prisão das duas lideranças. No dia seguinte, montou-se um palco bem no meio da cidade de Iona. Vieram sindicalistas de toda a região, lideranças da CPT, padres, políticos e os artistas Paulo Betti e Lucélia Santos. Eu já estava de novo no comando da equipe.

Emocionada, Lucélia leu uma carta do Frei Betto apoiando a resistência dos colonos. Depois, ela mesma pediu que os agricultores seguissem resistindo com todas as forças, porque Anonni era um marco na luta pela reforma agrária. Mais de seis mil pessoas se aglomeravam no meio do acampamento, participando do ato. Teve ainda celebração e muita cantoria. Enquanto isso, na cadeia, Marli e Jovino amargavam a acusação de serem formadores de bando e quadrilha.

Na parte da tarde, Lucélia e Betti foram até Sarandi para uma visita aos presos. Sabendo que Marli tinha problemas de estômago, Lucélia comprou leite. Atrás dos artistas, uma pequena multidão se formou em frente à cadeia. Os guardas já estavam inquietos, pois eram poucos e temiam alguma confusão. Mas Lucélia fez apenas uma fala rápida ao povo pedindo a todos o apoio à causa camponesa.

Mais dias se passaram e nada de soltarem os dois colonos. O povo decidiu então fazer uma romaria até o barranco onde se dera o conflito do dia 28 e lá fincar uma cruz. A intenção era que o enorme crucifixo servisse para lembrar, aos que passassem pela estrada, que ali um povo havia lutado

pelo direito de plantar e produzir. Foi mais uma caminhada. Naqueles dias, os soldados já eram poucos, formavam apenas uma guarita. Tendo padre Arnildo à frente, que já havia saído do hospital e retomava a luta, o pessoal fez o trajeto cantando músicas que falavam da longa batalha dos camponeses.

No local do conflito foi realizada uma celebração enquanto um grupo de sem-terra fincava a enorme cruz bem no meio do barranco. Quando ela foi finalmente colocada em pé, a gente ouviu uma gritaria na parte de baixo do barranco, no lado de Sarandi.

- É o Marli – gritou alguém. E era.

O Marli era um desses colonos que pode passar despercebido na rua. Magrinho, barba cerrada, caladão. Com o afastamento de Darci Maschio, uma das mais expressivas lideranças dos camponeses, ele e Jovino assumiram o comando das ações, e por isso eram tão visados. Jovino, por sua vez, era do tipo bonachão. Gordinho, atarracado, barbudo e um sorriso sempre pregado na cara. Tinha uma filhinha pequena que era o encanto de todos os que chegavam ao seu barraco para um mate ou uma conversa. Com menos de um ano, ela erguia o bracinho no gesto típico de resistência cada vez que alguém gritava: Reforma Agrária!

Vendo o Marli ali no meio da celebração, todos entenderam que a pressão tinha dado certo. A polícia havia soltado os dois. Jovino tinha ido direto para casa, mas Marli preferiu participar da celebração. O colono mirradinho, tão logo desceu do carro, começou a ser abraçado pelos companheiros. Meu coração se encheu de alegria quando o vi, livre de novo, com o sorriso, tão raro, estampado na cara. Então, como qualquer outro de seus companheiros, fui abrindo caminho no povo para abraçá-lo. Era um homem que eu admirava muito, pela força que emanava, pela dureza nas ações, e esta seria a oportunidade para um momento único de ternura. Ele sorriu ao me ver e me abraçou forte. “Companheira!”, disse. Era tudo o que eu queria ser daquele povo todo que estava ali. Companheira, ser humano, ser humano, ser humano. O cinegrafista da polícia, que filmava tudo, teve tempo para um gracejo ao passar por mim.

- Que romântico, hein? – Não liguei. Ele nunca poderia entender. Naquele dia eu sabia que nunca mais seria (se é que algum tinha sido) imparcial, neutra e objetiva. O jornalismo assim é impostor. Lição que jamais esqueci.

**Milhares de chapéus de palha
estavam a postos, sob o sol,
quando ela chegou.**

Já tinha se passado mais de um mês do conflito. Tinham sido muitas as caminhadas, os atos, as reuniões em Porto Alegre. A polícia já havia retirado parte de seu efetivo, mas ainda mantinha guaritas na estrada vistoriando todos os carros que passavam por ali. Esta vistoria inviabilizava,

inclusive, que os apoiadores da luta dos colonos entregassem alimentos e outros gêneros no acampamento.

Os colonos que passavam pela estrada, a pé, indo até o bolicho de Natalino para comprar alguma coisa, também eram revistados e passavam por inúmeras humilhações. Os policiais os xingavam de vagabundos e eles sem poder reclamar, pois corriam o risco de serem espancados ou presos. O cerco se prolongava e a situação dentro da cidade de Iona era de profunda tensão. Faltavam alimentos, remédios, roupas, cobertores.

Com a troca de superintendente do Incra, a esperança voltou. Assumia Rejane Brasil Fillipi, uma mulher já acostumada aos problemas de terra e com uma visão mais progressista do problema. Ela tinha sido presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB. Deputados de vários partidos tinham visitado Anonni e levaram para Porto Alegre o relato da miséria e opressão a que estavam submetidos os colonos. Tudo conspirava para que o cerco finalmente tivesse fim.

No dia 28 de outubro, um mês depois do conflito e da prisão dos seis mil acampados, a superintendente decidiu ir até Anonni com uma proposta de paz. Bem cedo começou a movimentação nos barracos. O clima era de excitação, e na assembléia convocada para ouvir Rejane não faltou um só colono. Milhares de chapéus de palha estavam postos, sob o sol, quando ela chegou.

A proposta que Rejane trazia era viável. Uma comissão de funcionários do Incra viria para Anonni e faria um levantamento minucioso das famílias. Todas seriam cadastradas e depois selecionadas. As famílias que fossem escolhidas iriam ocupar os 9.500 hectares da Fazenda Anonni, em caráter provisório. A área, por ter uma extensa floresta nativa, só permitia o cultivo de 3.750 hectares e apenas 240 famílias poderiam ficar ali definitivamente. Mas, como a situação era emergencial, a terra seria repartida entre os seis mil, até que o governo se imitisse da posse das terras desapropriadas em Cruz Alta. A resposta dos colonos só seria dada depois do aniversário da ocupação, comemorada no dia seguinte, 29 de outubro.

**Logo nas primeiras horas do dia
as tropas da Brigada Militar, que haviam
estado ali por 34 dias,
começaram a se retirar.**

No dia do aniversário do acampamento os sem-terra decidiram fazer uma caminhada até o local do conflito com a Brigada, que já completara um mês. Mais uma romaria. De novo, centenas de pessoas fizeram o velho caminho até o barranco, cantando e gritando palavras de ordem. Uma criança ia na frente carregando uma muda de bergamoteira. Iriam plantá-la no local para dar sombra e frutos aos viajantes e lembrar que ali tinham

sido feridos 50 agricultores em luta pela terra. Tudo aquilo tinha um significado sacramental, afinal o sangue deles era sagrado, como sagrada é a vida.

De longe se divisava a cruz de madeira que tinha sido fincada lá desde o dia em que Marli e Jovino foram libertados. E foi em volta desta cruz que o padre Arnildo fez a celebração. Um buraco foi aberto e a bergamoteira plantada. Um homem, uma mulher e uma criança fecharam a cova, enquanto os demais cantavam.

Havia um ano que aquela gente tinha ousado cortar as cercas daquelas terras. Terra ociosa, sem vida. Agora, anunciava-se a possibilidade concreta de abrirem sulcos e plantarem a semente tão esperada. A vida, enfim, brotaria. Muita gente chorou na celebração lembrando a madrugada em que ocuparam Anonni.

- Foi uma noite de angústia, de medo de morrer, mas a gente sabia que era preciso – falou, do meu lado, uma mulher com a cara banhada em lágrimas.

O resto da tarde foi assim, de emoções e lembranças. Depois, voltaram todos para o acampamento, arrastando com eles a velha cruz de Natalino, imensa, com os panos pretos tremulando, parecendo sorrir. A luta dos primeiros sem-terra, de Natalino, tinha dado seus frutos, e por isso lá ia de volta a cruz para o acampamento como que para iluminar esta outra luta que estava prestes a se resolver.

No dia seguinte ao aniversário da ocupação os técnicos do Inca começaram o cadastramento das famílias e logo em seguida as lideranças do Movimento se pronunciavam aceitando a proposta de ocupar a Anonni. Estava, por enquanto, suspensa a ida à Cruz Alta, mas Marli Castro ressaltava que aquilo era somente uma trégua, uma mostra de que os camponeses confiavam no trabalho de Rejane e esperavam para breve a imissão de posse das terras de Cruz Alta.

A chuva caía fininha no dia dos finados, dois de novembro, como acontecia quase todos os anos. A manhã nasceu cinzenta e triste, mas dentro da Anonni o clima era de festa. Logo nas primeiras horas do dia, as tropas da Brigada Militar, que haviam estado ali por 34 dias, começaram a se retirar. Estava encerrado o cerco. Quando o Gilmar registrou o último carro dos milicos sumindo na estrada lamacenta, o Kapa virou os olhos brilhantes para mim e se pôs a gritar:

- Acabou, meu Deus, acabou! – Eu apertei sua mão e sorri feliz. Estávamos errados os dois. Não tinha acabado.

**A velha cidade de Iona,
que há um ano se via
na estrada do Pontão,**

estava desmontada.

Poucos dias depois, com as famílias já cadastradas, Anonni foi dividida em 14 áreas. A velha cidade de Iona, que há um ano se via na estrada do Pontão, estava desmontada. Ali, no lugar do grande acampamento, ficaram apenas umas 50 barracas que formariam a área cinco. Pelas estradinhas internas da fazenda tudo o que se via era uma multidão de gente indo e vindo, como num imenso formigueiro, carregando tralhas, roupas, taquaras e lonas. Era um labirinto e, na primeira vez que nos aventuramos por aquelas veredas, nos perdemos. Queríamos chegar ao barraco do Jovino, na área 14, e por mais que andássemos não o encontrávamos. Naquele primeiro dia de Anonni dividida, o Kapa penou, mas com sua habitual disposição, acabou achando os caminhos. A fazenda era muito bonita, tinha campos imensos, velhas pontes de madeira, árvores enormes que pareciam resistir a milênios naquele lugar. A área onde estavam Jovino e Marli ficava num lugar assim, cheio de mato e vertentes de água límpida. Parecia um éden revivido.

Quando vimos os novos barracos e a disposição dos camponeses, pensamos que tudo iria ficar bem. Muitos deles já tinham roçado pequenas hortas e pontinhas verdes despontavam do chão. Em outras áreas chegavam os caminhões de calcário, que serviria para corrigir a terra, preparando-a para o plantio. Nos olhos de cada um cintilava um brilho de mãe, e as mãos que trabalhavam pareciam acarinhar a terra tão esperada.

- Agora ficou bom, hein, negredo? – berrou Jorge, um agricultor forte, de sorriso largo e grandes mãos, tão logo nos viu chegar. Os olhos se encontraram cúmplices. Éramos companheiros.

O povo trabalhava sem parar. Andando mais um pouco encontramos um grupo que arava a terra. Haviam conseguido um trator emprestado e já iam começar a rasgar o chão. Só estavam esperando a gente chegar para registrar com imagens aquele momento histórico. Egon, um alemão bonito, de olhos da cor do céu, mexia no trator, ajeitando os discos, enquanto os demais ficavam em volta dando palpites. Pareciam crianças com um brinquedo novo. Mas eram homens, gente que tinha vivido uma vida inteira lidando em terra alheia e que agora iria rasgar sua própria terra. Era um momento mágico.

Quando o Gilmar apontou a câmera, o trator lentamente começou a abrir sulcos na terra. O grupo acompanhou quieto, como se estivesse em uma cerimônia solene. O Kapa olhava para todos com um riso aberto na cara e piscava para mim. Eu apertei forte o braço do Egon e ele sorriu. Naqueles gestos silenciosos e amorosos a gente comungava a alegria.

- É bom ver este povo trabalhar, mas ainda é pouca terra pra muita gente – disse o Egon, num tom que vislumbrava novas lutas. E o trator ia e vinha lavrando a terra. Ao longe, o negro Antônio pisava na terra fofa, com os pés descalços, mãos atrás das costas e a cabeça baixa. Era um homem velho,

mas ainda forte. Negro acostumado a servir patrão. Seguia o rastro do trator olhando o chão, sentindo a terra aberta nos pés gretados pelo tempo e lida. Era dele, tudo o que tirasse dali era dele e dos companheiros. Quando notou o Gilmar filmando, abriu um sorriso desdentado e fez sinal de positivo. Depois, seguiu cismando no rastro do trator. Do meu lado, Egon sorria, olhando a cena com ternura.

- Está feliz!

Mas afinal, o que estamos fazendo aqui?

No dia de Natal eu insisti com o Damiani que seria importante fazer uma matéria na Anonni, afinal aquele seria um Natal diferente para todos os camponeses. A terra já estava plantada e o pessoal mais estruturado. Assim, tão logo o dia amanheceu, lá fomos nós pela velha estrada do Pontão. De novo percorrendo as picadas dentro da fazenda. Eu carregava na bolsa uma centena de bolitas para distribuir entre a criançada, pois as bolinhas de vidro era o que mais pediam. Ai de mim se chegasse lá sem bolitas.

Rádio ligado na AM, com músicas sertanejas tocando a todo volume, nós seguíamos na maior cantoria:

*“As andorinhas voltaram, e eu também voltei,
pousar no velho ninho, que um dia aqui deixei...”*

De vez em quando o Kapa destoava, atacando de “dingobel, dingobel, acabou o papel”, e a gente ria. Era um dia claro, de muito sol. A poeira castigava o corpo melado de calor. O Gilmar, como sempre emburrado por trabalhar no feriado (andava apaixonado), resmungava.

- Mas, afinal, o que estamos fazendo aqui ?

- Viemos dar Feliz Natal pra turma, ora essa – definia o Kapa.

E era isso mesmo. A tal matéria era só uma desculpa. Aquela gente estava tão entranhada em nós que era preciso vir. De muitos deles, a maioria, a gente sequer sabia o nome. Mas quem se importava? Eram companheiros. E assim fomos fazendo a via-sacra em todas as áreas. Chegávamos, fazíamos algumas imagens, distribuíamos abraços e bolitas e íamos embora, plenos do espírito de Natal.

Dentro da bolsa, secretamente, o maior número de bolitas tinha ficado para um amigo especial, o “Vardo”. Cabeça raspada por causa dos piolhos, pés sempre descalços, era o guri mais bem-informado do acampamento. Sempre quando a gente chegava, ele se aboletava no banco de trás junto com o Gilmar e ia conosco dando todos os últimos informes. Sabia tudo, até sobre quem tinha dormido com quem. Nós simplesmente o amávamos. Depois de visitarmos todas as áreas voltamos para Passo Fundo, uma sensação boa na alma. Leveza.

- E como se eles fossem da família da gente, né Cuca?
- É Kapa, da família – respondi. E o Gilmar sorriu.
- É, da família!

Morreram os três, esmagados.

Quando o ano de 1987 despontou, a fazenda Anonni estava no ritmo do trabalho. Mas na área doze, num dos barracos feito com tábuas velhas, meio longe da estrada, as lideranças confabulavam. A trégua dada à superintendente servia para uma reflexão interna e para que fossem resolvidos alguns problemas políticos que surgiram. Dentro do acampamento havia um grupo, ligado ao prefeito de Sarandi, Hilário Salvatori, que tentava por todos os meios desarticular a luta dos sem-terra. O líder deste grupo se chamava João Maria e eram visíveis as divergências que ele tinha com as lideranças dos acampados. Com a divisão dos colonos por áreas, muito distantes umas das outras, começou a ficar difícil a unidade. As assembleias passaram a ser feitas por área e depois o líder de cada área ia para a reunião de lideranças, nas quais as coisas se decidiam. A maioria dos acampados passou, então, a ficar longe das discussões mais amplas. As grandes assembleias, de seis mil pessoas, não aconteciam mais, porque ficava muito difícil reunir todos.

Mesmo assim o pessoal fazia planos e se articulava com pequenos agricultores vizinhos para atividades conjuntas. Em março de 1987, o povo da Anonni decidiu engrossar as fileiras de agricultores que fariam um protesto nacional contra o governo, pedindo uma política agrícola mais justa. O presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Sarandi, Romeu Schmith, foi quem ligou para nossa equipe avisando que lá, naquela cidade, o ato público seria de peso.

O plano dos agricultores era fechar as estradas em pontos estratégicos do Estado, com a participação de camponeses de todo o Rio Grande. A *TV Umbu*, de Passo Fundo, tinha apenas três repórteres. Eu, a Nadja e o Nicolini, que ficava na sucursal de Carazinho, a uns 50 quilômetros de Passo Fundo. Sendo assim, nós só poderíamos cobrir três protestos na nossa região. Insisti com a Angélica, que ocupava a chefia no lugar do Damiani, que estava em férias, para ficar em Sarandi. Sabia que lá estava o povo da Anonni e tinha certeza de que a manifestação seria grande. Mas, àquela altura, todo mundo na *RBS* já andava dizendo que eu era “amiguinha” dos colonos e que só queria promovê-los. Em Porto Alegre, onde ficavam os chefões, tinha até surgido uma conversa de que eu ganhava dinheiro do Movimento Sem-Terra para fazer matérias. Pobres homens, dirigiam o departamento de jornalismo e sequer tinham idéia do que era jornalismo de verdade. A cisma era tanta que chegaram a chamar a Nadja em Porto Alegre, quando ela fazia um curso por lá, para que ela contasse quais eram as minhas ligações dentro do Movimento.

Em função disto não me deixaram ir para Sarandi, onde o protesto seria engrossado pelos sem-terra. A chefia decidiu que nós faríamos cobertura em Passo Fundo, Lagoa Vermelha e Carazinho. Não foi uma decisão tendo como base o jornalismo, foi uma decisão política e nem partiu da Angélica, que só cumpria ordens. O certo é que excluíram Sarandi da cobertura. Eu bem que insisti, até chorei de ódio, mas não teve jeito. A Nadja tinha ido para Lagoa Vermelha e o Nicolini faria a matéria em Carazinho. Para nós sobrou Passo Fundo onde, sabíamos, o protesto seria pífio, com meia dúzia de tratores. Não tinha qualquer peso político. O ato “quente” seria em Sarandi. Tinha toda a pressão política dos sem-terra como ingrediente a mais.

Às seis horas nós estávamos a postos na estrada de Passo Fundo. Correu tudo como já prevíamos. Meia dúzia de tratores, uns poucos agricultores. Às nove horas já tínhamos feito tudo e o Kapa propôs que pegássemos o carro e fugíssemos para Sarandi. Decidimos deixar a fita na TV e então partir. Mas já era tarde demais. Ao chegarmos na TV o pessoal de apoio deu a notícia. Tinha acontecido uma tragédia no trevo de Sarandi e três colonos haviam morrido durante o protesto de bloqueio da estrada. Meu coração disparou. Quem seriam? O que tinha acontecido, afinal? Estávamos entrando no carro quando nos chamaram avisando que o Nicolini já estava lá e não havia necessidade de sair outra equipe. A angústia tomou conta de nós, aquele povo era nosso amigo, tinha gente ali que era muito chegado ao coração. Ficamos na TV, os três, parados, estáticos, esperando. A Angélica chegou por volta das onze horas com a cara assustada.

- Pô, vocês tinham razão, hein? – Tive vontade de matá-la. Ninguém falou nada, os três com a cara amarrada. Ela saiu de fininho. Ninguém ali estava preocupado com matéria, só queríamos saber quem tinha morrido.

No trevo de Sarandi os agricultores tinham chegado cedo, levando os tratores para trancar a estrada. A mulherada carregou os filhos todos e os homens levaram as foices e as enxadas. O Romeu, do Sindicato dos Trabalhadores, foi até a polícia rodoviária pedir que eles colocassem avisos na estrada, para alertar os motoristas do bloqueio. A idéia era evitar qualquer tipo de acidente.

Quando os agricultores começaram a colocar os tratores na estrada os policiais vieram pedir para tirar. Mas a resposta foi firme. Ninguém iria tirar os tratores. Eles que fizessem algum esquema para conter o tráfego. Já estavam sabendo do protesto com antecedência, não havia motivo para aquela conversa.

Uma das mulheres, a Rose, acampada na fazenda Anonni, subiu em um dos tratores que estava bem à frente. Um ar determinado surgiu na cara morena protegida por um chapéu de palha.

- Daqui a gente não sai. Nem morto! – retrucou, olhando o soldado no olho. Eles então decidiram ir embora. Tudo ficou calmo. O carro de som já estava no local e o pessoal ajeitava as caixas para começar os discursos. Teriam a manhã toda para vociferar contra o governo de José Sarney. As crianças brincavam e os cachorros dormiam ao sol. Foi neste clima de tranqüilidade que tudo aconteceu.

Um caminhão apontou na estrada e o pessoal ficou olhando ele se aproximar. Sabiam que iria parar, não tinha como passar por cima dos tratores. Rose continuava, impávida, lá no alto, com seu chapéu de palha. O caminhão não desacelerou e, sem que qualquer pessoa acreditasse no que acontecia, bateu no trator. Era como se tivesse se jogado de propósito contra os tratores. Quando perceberam que iria bater, os colonos começaram a correr para os lados. Em cima do primeiro trator, Rose não teve tempo de fazer nada. Nem ela, nem os agricultores Lari Groseli e Vitalino Mori, que estavam bem à frente da máquina. Morreram os três, esmagados. O motorista do caminhão, Valdir José da Silva, sequer se arranhou e, tão logo se deu conta da tragédia que provocara, fugiu do local. Para os colonos aquela era uma “cobra mandada” para desestabilizar a manifestação. Achavam que era coisa da União Democrática Ruralista (UDR), uma entidade criada pelos fazendeiros para combater a luta dos sem-terra e que era muito forte na região. O caso foi parar na Justiça, mas até hoje nada foi esclarecido daquele “estranho” acidente. Uma reconstrução feita por peritos trazidos por alguns deputados, dias depois, provou que o motorista poderia ter evitado a tragédia com uma simples freada. O motorista havia alegado que tentara frear, mas que não conseguira. Uma vistoria no caminhão provou que os freios estavam perfeitos. E, mesmo com todas estas evidências, o motorista foi liberado e nada aconteceu.

Aquele dia de protesto em Sarandi virou mais uma data de luta para os acampados da Anonni. Rose era conhecida no acampamento por ter sido a primeira sem-terra a dar à luz na nova terra. O garotinho, chamado Sepé Tiarajú em homenagem ao índio guarani que lutou até a morte pela terra do seu povo, agora era órfão e precisaria ser até mais valente que o primeiro Sepé, para enfrentar a vida sem a mãe. O marido João, um colono calado e triste, agora teria mais um motivo para viver cismando. Rose virou uma cruz solitária no cemitério do acampamento. Também tinha sido a primeira a morrer na nova terra. Os outros dois agricultores mortos eram pequenos produtores de Ronda Alta. E foi em homenagem a Rose que Tetê Moraes, a cineasta que passara dias filmando no acampamento, deu ao seu filme o nome “Terra para Rose”. As cenas do conflito com a polícia, que aparecem na película, são as imagens do Gilmar, único a registrar tudo aquilo. Estas imagens, matéria-prima da reportagem sobre o conflito da Anonni, iriam, mais tarde, também ganhar o Prêmio Wladimir Herzog dos Direitos Humanos e o Prêmio ARI de Jornalismo.

A organização lá dentro caía aos pedaços.

As três mortes em Sarandi funcionaram como um estopim dentro da Anonni. Já havia passado quatro meses desde que a superintendente do Incra prometera liberar as terras em Cruz Alta e nada tinha sido cumprido. A fazenda começou de novo a fervilhar e os colonos se preparavam para novas ocupações. Só que desta vez usariam outra tática. Não iriam alardear nada, tudo seria feito no silêncio. Naqueles dias, os arranjos na política começavam a mudar. Pedro Simon assumira o governo do Estado, Rejane Fillipi saíra do Incra assumindo uma secretaria no governo peemedebista e Celso Gaiger, ex-militante da CPT, assumira a superintendência do Incra. Havia uma certa esperança porque Celso era tido como um “companheiro”.

Assim, no silêncio, tudo foi urdido. O Gilmar, o Kapa e eu sabíamos de tudo, sempre tivemos a confiança dos acampados e, como eles, esperávamos pacientes que tudo fosse acertado. Em maio, todos estavam prontos para partir para Cruz Alta, mas, desta vez, com certeza, não haveria cerco, polícia ou confronto. Seriam 500 colonos divididos em sete caminhões. Nós havíamos feito uma série de malabarismos para poder sair para a Anonni ao final do dia sem despertar suspeitas. Assim, depois do trabalho, conversamos com o Damiani, com caras de santos.

- Ó, os colonos vão fazer uma assembléia quente hoje à noite. A gente podia ir lá ver, né? O que tu achas? – falei. Ele olhou para mim com aqueles lindos olhos azuis.

- Tudo bem, tudo bem – sabia que quando a gente ia para a Anonni sempre voltava com matéria boa. Assim, lá fomos nós.

Quando chegamos no acampamento, tudo fervilhava. O povaréu se ajeitava nos caminhões. Era sempre uma confusão porque eles levavam tudo o que tinham. Panelas, colchões, armários, fogões, cachorros. Quando eles partiram no meio da noite, ficamos lá, parados, esperando o último caminhão sumir na estrada. A vontade era de ir junto, mas lá em Cruz Alta tinha outra emissora da RBS e seria o pessoal de lá que faria a matéria. No primeiro telefone que encontrei avisei o Veríssimo, chefe de reportagem em Cruz Alta, que fora meu chefe em Uruguaiana e no qual eu confiava. Na volta para casa vínhamos quietos, os três.

- Vai dar rolo grosso lá, né Cuca? – indagou o Gilmar, já meio apreensivo. Balancei a cabeça sem falar. Não deu outra!

Pelos jornais acompanhamos a luta dos sem-terra em Cruz Alta. Lá, os fazendeiros não deixaram por menos. Estavam armados até os dentes e preparados para enfrentar qualquer coisa na defesa de suas terras improdutivas. O clima era de completo terror no acampamento que os colonos conseguiram montar dentro da fazenda São Juvenal. Os donos da terra, tão logo souberam da ocupação, acionaram os jagunços e fizeram

um cerco aos sem-terra, isolando-os dos jornalistas e dos demais companheiros que tinham ficado para trás. Parte dos camponeses ficara de fora porque alguns caminhões se atrasaram, e quando eles já estavam entrando na São Juvenal, um fazendeiro, de revólver em punho, não permitiu a passagem. Os atrasados não titubearam, desceram ali mesmo e armaram outro acampamento na estrada próxima à fazenda. Assim, ficaram dois grupos, um dentro, isolado, e outro fora.

Dentro da fazenda, os sem-terra estavam cercados por quase 200 jagunços. Quando chegava a noite, contou depois o Egon, os jagunços se aproximavam e atiravam a esmo. Era uma correria. Todo mundo se jogava no chão por cima das crianças, tentando protegê-las. Mais de duas mil pessoas se deslocaram até Cruz Alta tentando prestar apoio aos colonos, mas a Brigada Militar não permitiu que chegassem até o acampamento. Enquanto isso, os fazendeiros tinham passe livre para circular por todos os lados com armas à mostra e proteção da polícia.

Na véspera do Dia do Colono, quando os agricultores prometiam juntar milhares de pessoas em Cruz Alta, o governo decidiu botar a colher no caso. Negociou com as lideranças e prometeu comprar terras para fazer assentamento. Na fazenda, os colonos foram despejados pelos jagunços, atirados por cima da cerca, como sacos de batatas. A UDR mostrava sua força e dizia aos camponeses que, agora, as coisas iriam ser feitas assim. No dia 25 de julho, Dia do Colono, a turma já estava de volta à Anonni. Fomos até lá para o registro do dia. O clima estava tenso e não houve qualquer festa. Naquele dia todos ficaram dentro dos barracos, a cismar. Era tempo de repensar e analisar as ações. O tempo das ocupações pacíficas estava terminado. No barraco do Darci Maschio os homens conversavam baixinho e havia um ar de segredo nas caras vincadas.

Dentro da Anonni as coisas não iam bem. O grupo do João Maria crescia e já começava a desmobilizar alguns agricultores. As lideranças do acampamento começaram a pressionar o governo, tentando conseguir terras para assentar aquele povo. Só isto poderia diminuir a tensão crescente na Anonni. Mas o governo de Pedro Simon, que havia prometido liberar áreas durante o episódio da São Juvenal, perdeu a memória. As tais terras prometidas não saíam de jeito nenhum.

Quando a ocupação da Anonni fez dois anos, a organização lá dentro caía aos pedaços. Com as negociações freqüentes em Porto Alegre, as lideranças acabaram se afastando dos acampados e havia ainda a distância entre as áreas. Mesmo assim, todos apostavam numa grande investida. Como o governo não cumpria a promessa de liberar os 5.600 hectares para o assentamento das famílias, o povo da Anonni decidiu fazer mais ocupações. Desta vez seriam simultâneas, em quatro locais diferentes no Estado. O objetivo era tomar as estações experimentais de Júlio de Castilhos e Nova Prata, uma área da Cooperativa Triticola de Tupanciretã e

a Reserva Florestal de Rondinha. Dois dias antes das ocupações eles nos avisaram.

Era outubro de 1987. Naquelas alturas, o Kapa já não era mais motorista da equipe. Tinha tido uma promoção e passara a cinegrafista de estúdio. Mas acontece que os sem-terra nos chamavam para uma ocupação e, isto eu sabia, ocupação era coisa para o “super” Kapa. Chovia muito na região e eu não confiava muito no braço do novo motorista, o Avanir. Carinha de guri, cabelos escorridos e um sorriso doce sempre estampado no rosto, o Avanir certamente não seria a pessoa indicada para segurar o volante na estrada barrenta de Anonni. Procurei o Kapa e contei da ocupação.

- Dá um jeito de se liberar. O povo lá tá contando contigo – falei. E não foi preciso insistir. Ele saiu para conversar com o chefe e em meia hora já retornava feliz.

- Tô liberado, Cuca. Vamos de novo.

Só o Kapa continuava com os olhos feito pipoca.

Estava tudo pronto para a ocupação. Na redação, o Kapa, o Gilmar e eu nos agitávamos e mandávamos mensagens cifradas pelas costas do Damiani. Não íamos contar nada, fugiríamos tão logo ele virasse as costas e torcíamos para que ele não inventasse nenhuma matéria à noite. O combinado era dizer que os acampados tinham nos avisado em cima da hora, depois que ele saíra, e não tivéramos tempo de avisar alguém. Não é que a gente não confiasse no Damiani, mas era um pacto entre nós respeitar o segredo e a confiança que os sem-terra depositavam nos três.

Assim, quando o Damiani foi embora, nós começamos a arrumar o carro. Carregamos o equipamento e sumimos feito ladrões na noite escura. Fazia muito frio. Paramos numa poça d’água para sujar o logotipo do carro, pois se alguém nos visse partindo rumo ao acampamento àquela hora da noite, poderia desconfiar que algo estaria para acontecer. Afinal, corriam rumores de novas ocupações e nós não poderíamos arriscar.

Tinha chovido muito e a estrada de chão deslizava. Estávamos tensos. O Kapa dirigia sério, as mãos apertadas no volante enquanto o carro jogava para cá e para lá. A estrada estava vazia. Ninguém, em sã consciência, passaria por ali com aquele tempo. Foram 60 quilômetros de aflição até que chegamos ao acampamento que parecia, outra vez, um grande formigueiro. As famílias se ajeitavam nos ônibus e caminhões que seguiriam para as quatro ocupações. Nós acompanharíamos o grupo que iria para Rondinha, a poucos quilômetros dali. Na escuridão, vislumbrávamos as montanhas de cobertores, panelas, fogões, colchões e cachorros se amontoando nos caminhões. Tudo outra vez. O pessoal das outras ocupações partiu, ficando só o caminhão de Rondinha. Às duas horas da manhã tudo estava pronto. As pessoas subiram no caminhão, que foi coberto com uma lona amarela.

Caía uma chuva fininha e o clima de tensão pairava no ar. Vez ou outra alguém gritava, um cachorro latia ou ouvia-se o barulhar de gente e tralhas. O caminhão ia lento pela estrada barrenta e foi na hora de subir o barranco, aquele mesmo onde tinha se dado o conflito do dia 28 de outubro, que veio o susto. O caminhão deu uma rabeirada e caiu numa vala com estrondo. A gritaria foi geral. No carro, que seguia logo atrás, meu coração apertou. Alguém poderia estar amassado no barranco, pois o caminhão estava quase virado. A lona se abriu e as pessoas foram saindo devagar. As crianças choravam e as mulheres gritavam pelos filhos.

Ninguém se ferira, mas a ocupação estava ameaçada. Em alguns minutos estavam todos no chão, em torno de 60 pessoas. Os homens tentavam levantar a rabeira do caminhão, mas, que nada, ali ninguém era super-homem. A confusão estava armada e era preciso buscar um trator. Naquela hora, todos os olhos se voltaram para nós, o carro da TV. O Kapa já era conhecido no acampamento como um bom motorista. Só ele poderia cruzar aquela lama toda e ir até uma fazenda ali perto buscar o trator. Ele arregalou os olhos e ficou na pausa.

Enquanto o Kapa pensava, uma luz na estrada que passava embaixo do barranco, deu outro susto. Era um carro da polícia que vinha devagar pela estrada principal.

- Abaixem – gritou um dos homens. E o jeito foi se jogar na lama, rezando para que os policiais não vissem o caminhão lá em cima, parado, com uma Fiat atrás. O tempo ficou suspenso e o carro foi passando lentamente pela lama. Todos quietos, sem dar um pio. Foi só quando o carrinho sumiu na estrada que começamos a levantar, encharcados de barro.

Foi um garotinho o primeiro a rir e a gargalhada foi geral. Todo mundo enlameado, sentado no chão, rindo sem parar. Só o Kapa continuava com os olhos feito pipoca. Ele teria que ir buscar o trator. Fomos ele, eu e mais um colono que conhecia o caminho. Atravessamos o barro com torturante lentidão. Em frente à porteira, mais uma prova. Uma grande poça de água parecia nos desafiar. “Não vai passar”, gemeu o Kapa, suando.

- Toca firme, guri – ajudei – vamos passar!

E ele foi. O carro arrancou como um foguete, deu um cavalo de pau, rabeirou e passou pela porteira. O Kapa parou, o rosto pingando água, e sorriu. Era braço mesmo. Em meia hora estávamos de volta com o trator. O caminhão foi tirado da vala e lá foram todos para dentro de novo. Às quatro e meia da manhã estávamos chegando na área do acampamento. Um dos colonos desceu e cortou a cerca de arame. Devagar, com o rosto sério. Aquele era sempre um momento sagrado. Cinco pessoas foram abrindo uma picada por dentro da mata onde o caminhão tinha de passar. A chuva não dava folga e o chão estava fofo. Desceram todos para empurrar o caminhão. Gente maltratada, aquela. Quase dois anos vivendo

em barracos de lona, sem terra para plantar, sem lugar para criar seus porcos e galinhas. Gente de fé, disposta ao trabalho. Nada os detinha. Era sempre um assombro testemunhar a força daquele pessoal.

Às cinco horas o dia dá sinais de estar acordando e a colonada começa a montar os barracos. Coisa rápida. Cortam os paus no mato, fincam na terra e, num passe de mágica, a lona preta é passada por cima. Está pronto o barraco. Feito isso é hora de acender o fogo para o chimarrão. Saltam do caminhão as panelas e a cachorrada. Tudo num ritmo frenético. Em pouco mais de meia hora já existe ali um núcleo de 12 barracos.

Alguém liga o rádio na *Gaúcha*. Todos querem saber se os outros companheiros conseguiram ocupar. As primeiras notícias produzem a gritaria. Os repórteres falam que várias ocupações de terra aconteceram no Rio Grande. Estava feito! Agora era esperar. Com certeza a polícia iria demorar para chegar pois as estradas estavam intransitáveis. O único carro que ia e vinha era a Fiat do Kapa que, como num milagre, sempre conseguia sair do atoleiro e levar as matérias para Passo Fundo. No meio da tarde ele voltava para levar outra fita. Era o mensageiro dos colonos, o único a levar notícias de como estavam as coisas no interior daquele mato em Rondinha. Enquanto isso, a gente esperava, chimarreando. Uma comissão, em Porto Alegre, negociava com o Incra.

**O barranco avançava
pronto a espatifar
nossas caras quando
o carro caiu num buraco**

Já fazia quatro dias que estávamos no acampamento em Rondinha e o Gilmar quis sair, comer um bife à milanesa em Sarandi, 40 quilômetros dali. Tanto ele insistiu - e era puro mau-humor - que o Kapa, o Avanir e eu concordamos em ir. A chuva continuava forte e as estradas eram um mar de lama. Chegamos em Sarandi ao anoitecer e fomos direto ao restaurante do Zé. Lá, ele servia um bife que era do tamanho de um bonde e umas batatas fritas que eram o encanto da vida do Gilmar. Ele estava nas nuvens. A TV, ligada, mostrou a nossa matéria do dia e, logo em seguida, o locutor informou:

- A polícia deve desocupar a área amanhã - Gelamos! A polícia iria se aventurar a entrar no mato. Bom que tínhamos vindo e sabido disso. Poderíamos avisar o pessoal.

Voltamos para o acampamento, devagar pela estrada, contando piadas, tentando não cair no clima de tensão. Só o Kapa dormia o sono solto no banco de trás. Tinha dado uma chance para o Avanir dirigir um pouco. O Gilmar, famoso por suas brincadeiras tolas, falou:

- Só falta a gente bater o carro e ter que descer na chuva. Aí, encontramos uma luz, vamos até lá pedir ajuda e um assassino mata a gente, tipo sexta-feira treze - e ria alto, como nos filmes de terror.

Não deu dez minutos e o carro dançou na pista. O Avanir virou o volante para lá e para cá numa dança louca. O barranco avançava pronto a espatifar as nossas caras quando o carro caiu num buraco. Ficamos ali, quietos, o coração pulando pela boca. Só o barulho da chuva batendo no carro nos dava a certeza da vida. Não tínhamos nos espatifado. Mas a profecia do Gilmar tinha acontecido. Descemos na chuva, tentando tirar o carro do buraco. Nada! A vala era funda e todo o bico da Panorama estava afundado. O jeito era andar e tentar chegar ao acampamento. Mas, naquela escuridão, qual o caminho a tomar? Estávamos longe e tínhamos tomado um atalho cheio de bifurcações. Não havia lanterna, nada que pudesse nos guiar. Tive medo, mas fiquei quieta. Os três estavam amedrontados também, até porque a história do Gilmar ainda ecoava na cabeça de todos.

- E aí? Ficamos aqui ou nos aventuramos nessas picadas? A gente tem que avisar o povo, né? - perguntei. O Gilmar garantia que podia encontrar o caminho e decidimos andar. O Avanir ficaria cuidando do carro e nós três iríamos pela estrada afora. A chuva seguia forte e o barro chegava aos joelhos. Demos as mãos e fomos em frente. Não se via nada, nenhuma luminosidade. O Gilmar insistia:

- Eu estou enxergando, eu estou enxergando - Eu e o Kapa, acreditando, seguíamos em frente. Se a gente fechasse os olhos era a mesma coisa. A escuridão era total. Só se ouvia o barulho dos nossos passos lutando contra a lama. Andamos por horas, encharcados de chuva, quietos, as mãos se apertando, passando força um para o outro, seguindo o Gilmar que ia feito um Moisés, seguro. Chegamos então numa encruzilhada. Havia três caminhos. E agora? Para onde? Um relâmpago no céu mostrava as opções. De novo, o nosso Moisés:

- É por aqui - E a gente seguiu, sem ver nada. Piavam as corujas, bugios gritavam aqui e ali, o medo se agigantava em nós. E se o caminho estivesse errado? Onde iríamos parar? A chuva não dava trégua e nós a andar. Não sentíamos cansaço, só queríamos chegar a algum lugar. De repente, numa curva da estrada, divisamos uma luz. Seria o acampamento? A luz estava dentro do mato, fora da estrada. O Kapa gritou forte. Ninguém respondeu.

- Somos nós, da TV. É o Kapa!

A pequena luz se moveu no silêncio e começou a vir na nossa direção. Eu tremia de frio e de medo. "E se for um monstro", pensava, já meio irracional, apertando com força a mão do Gilmar. Não era um monstro. Era o Darci e a luz era mesmo do acampamento. Tínhamos chegado. O Gilmar estava certo. Pouco depois, o Kapa e mais dois colonos saíram com o trator para buscar o carro.

O dia amanhecia e nós ainda secávamos na beira do fogo quando a polícia chegou. Os soldados foram cercando a área como se fosse uma operação

de guerra. A colonada só acompanhava a movimentação, de longe, chimirreando. E os policiais gritando, correndo, chegando perto. O povo no acampamento começou a se juntar. Mulheres com os filhos no colo e os homens à frente.

- Isso é um despejo – gritava um policial com ares de comandante enquanto os oficiais de justiça esfregavam as mãos, satisfeitos. O chefe da operação, de nome Aita, tentou intimidar o Gilmar dizendo que tinha ordem do governador para confiscar a câmera de vídeo. O Gilmar, que era guri louco de brabo, já estufou o peito e rebateu: “Ninguém mete a mão aqui. Nem governador, nem ninguém. Cadê o mandado? Só entrego com mandado, senão tu vai ter que se responsabilizar por isso depois!...” O policial desistiu.

Não houve tempo para negociação. Os colonos ainda quiseram argumentar, falar sobre a questão agrária, mas os soldados não queriam conversa. Junto com a polícia estava um representante da UDR de Carazinho, que ria um riso cínico enquanto os colonos falavam. Os brigadianos só queriam saber de cumprir a lei e a lei mandava despejar. Alguns olhavam com nojo os barracos, prontos para começarem a demolição. Então principiaram a desmontar as casinhas de lona e a jogar tudo dentro dos caminhões. Fogões, chaleiras, cobertores e a cachorrada. As crianças choravam, iam voltar outra vez para o acampamento de Anonni. Começar de novo, sem terra, sempre.

Quando os soldados retiraram a lona dos barracos, os pedaços de pau, fincados no chão, pareceram afrontar a lei. Um dos soldados, percebendo a força da mensagem, avançou, derrubando tudo. Outros se juntaram a ele numa fúria de destruição. Carlos Roberto, um garotinho desdentado de uns cinco anos, foi até eles e, com a coragem típica da infância, ergueu o bracinho com o punho fechado, gritando bem forte:

- Enquanto o latifúndio quer guerra, nós queremos terra – Os soldados nem se abalaram. Seguiram arrancando os paus, pisando em cima, jogando longe. A imagem que ficou foi de completa destruição. Só depois de tudo arrepentado é que os soldados entraram nos carros e arrancaram levando os colonos. Lá de longe, visto da traseira do caminhão, aquele pedaço de terra ocupado até pouco tempo atrás ficou parecendo uma ferida aberta no meio da mata. Uma ferida que ainda iria sangrar, e muito.

Naquele dia voltamos para Passo Fundo com um peso no coração. O despejo tinha sido melancólico. A colonada estava sem esperanças, Anonni estava a um passo do abismo. O grupo do João Maria, que queria desestabilizar o acampamento, ficou mais forte com toda a apatia e resolveu dar o golpe. Foi à Porto Alegre e se encontrou com o governador Pedro Simon pedindo que ele mandasse um representante do Estado para assistir uma assembléia geral na Anonni.

O governo enviou então Mário Bertani, que gravou uma fita de vídeo com várias acusações contra as lideranças da fazenda e depois a entregou a todos os jornais do Rio Grande. Marli Castro e Jovino Rodrigues se demitiram da executiva da Fazenda Anonni e o grupo de João Maria assumiu o comando. Pouco depois, Mário Bertani ganhou o cargo de superintendente do Mirad (novo nome do Incra). O cerco se fechara. Em novembro de 1987 Anonni entrava numa nova fase. Os tempos de luta estavam acabados.

A bergamoteira não vingou, mas a luta sim!

A última vez que estive na fazenda, antes de vir para Florianópolis, onde começaria a faculdade, foi no dia 15 daquele novembro. De novo, percorremos as 14 áreas, numa despedida, com o coração apertado, já cheio de saudade. Eu olhava os barracos e as pessoas à volta. Estavam cansadas, os olhos no chão. As mulheres areavam as panelas com gestos mecânicos e os homens fumavam seus palheiros sentados em pequenos grupos, falando do passado. Agora o governo investia ali, na desarticulação, e o líder Herotildes (o mesmo que havia voado pela cerca no despejo da São Juvenal) dizia para todos terem paciência, que as terras iriam sair.

Não havia mais aquela movimentação febril que tinha tornado a Anonni o símbolo da luta pela Reforma Agrária naquele Sul. Não tinha mais o jeito risonho do Jovino, nem a cara vincada do Marli. As crianças brincavam de bandido e mocinho e só consegui sorrir quando vi que um dos “bandidos” tinha um boné de papelão escrito com letras tremidas, de um vermelho vivo: BM (Brigada Militar). As crianças. Abençoadas! Elas não esquecem. Fizemos uma materinha qualquer, da qual nem lembro, e fomos embora. Fui no banco de trás, olhando pelo vidro. Quando o carro virou na curva e os barracos desapareceram, comecei a chorar. Na frente, o Gilmar e o Avanir iam quietos, ouvindo reverentes os soluços.

- Será que não valeu? – eu perguntava sem parar. Não houve resposta.

No final de novembro eu já estava com as malas prontas para a viagem quando recebi um telefonema no meio da noite.

- Fica ligada aí que no dia 25 vai ter ocupação na tua área. Vai ser em Palmeira das Missões. - Renasci. Era o fervo de novo. Chamei o Kapa para a missão. Ele sempre fora o cara para ocupações...

Como Anonni não era mais o centro das articulações, nem passei por lá, apesar de 250 colonos saírem de lá para a ocupação. Ao todo, oito mil camponeses estariam envolvidos na confusão, que tomaria conta de todo o Rio Grande. Mas, já que a ocupação da minha área seria em Palmeira, marcamos um encontro lá mesmo, onde então saberíamos o local exato. Tudo no maior sigilo, com senhas e contra-senhas. Na casa indicada, o Isaías, da executiva do movimento, deu as coordenadas e nós partimos

para a terra que seria ocupada. Só estávamos nós, da TV. O resto da imprensa vinha junto com os caminhões.

Em um determinado ponto da estrada passamos por eles. Eram sete caminhões mais o carro do *Zero Hora* e outros da imprensa local. Só que o Kapa, metido a saber de tudo, avisou:

- Cuca, eu não vou comer poeira. Vou na frente. Sei onde é! – Eu insisti para que seguisse o comboio, mas não teve jeito. Ele pisou fundo e se foi, gozando da cara dos que ficavam para trás. Deitei no banco de trás e cochilei, afinal ainda era madrugada. Paramos e ficamos à espera. O tempo passou, passou, e nada dos caminhões. O trajeto até ali tinha sido curto. Comecei a ficar nervosa.

- Kapa, tu não pegaste a estrada errada?

- Eu conheço tudo nessa região. É aqui! – insistiu. Bom, se era assim - e eu confiava nele – alguma coisa tinha saído errado.

O sol já aparecia na barra do horizonte e nada do povo. De repente, aponta na estrada uma caminhoneta F-1000. Gelei. Podia ser o dono da fazenda e nós ali, naquela maldita Fiat, com o enorme logotipo da *RBS*. O carro parou.

- Procuram alguma coisa?

O Gilmar se adiantou.

- É, estamos procurando imagens de trigo. É pra uma matéria de agricultura.

O cara riu e disse que ia ser difícil.

- Não é tempo de trigo! – Eu quis matar o Gilmar. O homem podia desconfiar. Mas ele só indicou outra cultura para a gente e se foi. Mal a camioneta sumiu, apontaram os caminhões.

- O que é que houve?

- Nos perdemos – respondeu Isaías. Era a primeira vez que a imprensa chegava antes dos colonos numa ocupação.

Então, dos caminhões começou a descer o povo, as tralhas, a cachorrada. Um dos homens cortou o arame e a fileira de gente entrou na fazenda. A mesma cena mágica. E foi quando vi aquelas pessoas todas, carregando seus fardos, com um brilho de eternidade no olhar, que compreendi. Não eram mais as mesmas, amigas, da velha e querida Anonni. Eram outras caras, desconhecidas, mas iguais na esperança, no sonho. Era a luta de novo. Anonni tinha valido, sim. Outras frentes de luta estavam se abrindo, outras gentes se juntavam às fileiras dos que iriam fazer acontecer a reforma agrária.

Assim, mesmo quando veio a polícia, na mesma velha cena, e fez o despejo colocando todos de volta nos caminhões, eu não chorei. Nunca mais choraria. Via, naquelas caras vincadas de sol e vontade, que eles voltariam. Se não ali, certamente em outras terras. Até que conseguissem fazer valer os seus sonhos. Anonni tinha sido um símbolo. Uma escola. E, agora, ninguém mais iria parar aquele povo.

Em janeiro de 1988, já em Florianópolis, vi pela televisão mais uma ação da colonada gaúcha. Estavam fazendo jejum na esquina democrática em Porto Alegre. Alguns rostos conhecidos saltaram da tela e eu sorri com ternura. O MST ultrapassava Anonni, ficava maior e aquela gente ia longe. Podiam até não ver a reforma agrária, aquela com a qual tantas vezes sonhamos, juntos, nas conversas ao pé do fogo em algum barraco da Anonni, mas que iam lutar por isso, com toda a garra, disso eu não tinha dúvidas.

Quatro anos depois, em janeiro de 1992, o Kapa, que continuava trabalhando como cinegrafista em Passo Fundo, me ligou.

- Cuca, lembra daquela bergamoteira que os colonos plantaram uma vez, no barranco onde se deu o conflito de 86?
- Claro que lembro, guri.
- Pois é, tô comendo uma bergamota de lá – disse, rindo seu riso de menino levado.

É claro que era só uma mentira do Kapa. A bergamoteira não vingou, ou foi arrancada, não sei. Mas a luta vingou. E como. O MST se transformou num dos movimentos mais importantes e respeitados do planeta, fruto de gente como aquela que fez Anonni. Nos anos 90, os camponeses sem-terra incendiaram o Brasil com centenas de ocupações e ações políticas, resistindo bravamente ao neoliberalismo colonizado de FHC. Hoje, haveria muitas outras coisas para falar do MST. Lamentar o silêncio cúmplice diante do governo Lula, que liberou os transgênicos, não fez a reforma agrária e governa para o agronegócio. Haveria que protestar veementemente contra as lideranças que não se rebelam contra a política do governo, cada dia mais para a direita, defraudando as esperanças de milhões de brasileiros que apostavam na mudança. O governo Lula optou por assumir as demandas da classe dominante e o MST ainda está adormecido diante disso.

Mas, ainda assim, existem nas fileiras deste movimento mais de quatro milhões de pessoas, que caminham, lutam e buscam. Deles ainda pode brotar a velha e antiga flor da rebeldia. Eu acredito nisso. Por essa razão, decidi escrever essa história. Porque é uma história de luta, de uma gente boa, que sonhou e abriu – na luta - veredas seguras para a construção da reforma agrária. Ela ainda não veio, mas virá... Pela forças das gentes, a despeito de alguns líderes cegos... Eu estou certa disso.

Aquele povo da fazenda Anonni, cujas histórias narrei aqui, nem sabe, mas, além de pavimentar a estrada para a Reforma Agrária, abriu uma cerca em mim. Por ela, passaram minhas tralhas e a cachorrada. Por ela, passou o fim de um tempo em que tentavam me fazer crer que o jornalismo tinha de

ser imparcial. Bobagem! Fincados em mim estão os barracos da esperança de um tempo novo, que vai chegar. Fincada em mim está a certeza de que o jornalista tem de tomar posição, sempre do lado das vítimas, dos oprimidos, dos que estão fora da ordem do capital. Por isso, nas noites claras, sob as estrelas, eu ainda chimarreio e agradeço. Porque um dia passei a porteira daquele MST dos anos 80 e nunca mais fui a mesma!